







A

CANTORA BRAZILEIRA

MODINHAS

A VENDA NA MESMA LIVRARIA

ALVARES DE AZEVEDO.—Obras completas, 3 vol. in-8.º	9\$000
CASIMIRO DE ABREU.—Obras completas, 1 v. in-8.º	3\$000
GONÇALVES DIAS.—Poesias, 2 v. in-8.º br. 4\$, enc.	6\$000
JUNQUEIRA FERREIRE.—Obras completas, 2 v. in-8.º	6\$000
GONZAGA.—Marilya de Dirceu, 2 v. in-8.º	6\$000
BITTENCURT SAMPAIO.—Flôres sylvestres, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
BRUNO SEABRA.—Flôres e fructos, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
LUCIO DE MENDONÇA.—Alvoradas, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
NORBERTO DE SOUZA SILVA.—Flôres entre espinhos, contos poeticos, 1 v. in-8.º	2\$000
JOAQUIM SERRA.—Quadros, poesias, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
SILVA ALVARENGA.—Obras completas, 2 v. in-8.º	6\$000
ALVARENGA PEIXOTO.—Obras completas, 1 v. in-8.º	3\$000
CASTILHO (J. F. de).—O outomno, collecção de poesias, 1 v. in-4.º br. 3\$, enc.	4\$000
CASTILHO (Julio de).—Primeiros versos, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
BERNARDO GUIMARÃES.—Poesias, 1 v. in-4.º	6\$000
» —Novas poesias, 1 v. in-8.º	3\$000
GUIMARÃES JUNIOR. —Corymbos, poesias, 1 v. in-8.º br.	3\$000
GUIMARÃES JUNIOR. —Nocturnos poesias, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$ 00
MACHADO DE ASSIS.—Americanas, poesias, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
MACHADO DE ASSIS.—Chrysalidas, poesias, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
MACHADO DE ASSIS. —Phalenas, poesias, 1 v. in-8.º	3\$000
VARELLA. —Cantos do ermo e da cidade, 1 v. in-8.º	3\$000
ZALUAR.—Revelações, poesias, 1 v. in-4.º	5\$000

NOVA
COLLECCÃO
DE
MODINHAS BRAZILEIRAS

TANTO AMOROSAS COMO SENTIMENTAES

precedidas

DE

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A MUSICA NO BRAZIL

Marin J. Dianna.
34

RIO DE JANEIRO

Vende-se na livraria de—B. L. GARNIER

65—RUA DO OUVIDOR—65

—
1878

IDÉAS SOBRE A MUSICA NO BRAZIL

Ha mais de cincoenta annos escrevia um francez (*) entusiasta do Brazil, as seguintes linhas sobre a musica :

« Se bem que o Brazil não tenha ainda dado á America musicos celebres, eu penso que é talvez de todos os paizes do Novo Mundo o predestinado a produzi-los em grande numero. Todos já cultivam a musica, pois que faz parte da existencia do povo, que adoça os seus lazeres cantando, e que até esquece os cuidados de um penoso trabalho sempre que escuta os simples accordes de uma guitarra ou violão. Emquanto que nos salões é applaudida a musica de Rossini, pois que é cantada com tal ou qual expressão como nem sempre ha exemplo na Europa, os curiosos percorrem as ruas ao fechar da noite repetindo as sentimentaes modinhas, que se não escutam sem que se fique commovido ; servem ellas quasi sempre para pintar os sonhos do amor, seus des-

(*) FERDINAND DENIS, em 1826 : *Du gout des brésiliens pour la musique.*

gostos ou suas esperanças. São simples as expressões e os accordes repetidos de maneira assaz monotona ; mas ha algumas vezes um não sei que de incanto na sua melodia e alguma vez tanta originalidade, que o europeu recém-chegado mal pôde eximir-se a escutal-a e concebe a indolencia melancholica desses bons cidadãos, que ouvem por horas inteiras as mesmas arias.

« E' ordinariamente ao cahir da noite que começam esses concertos improvisados. Então sons passageiros se mesclam, se aproximam e se afastam e vos dão a conhecer que toda a população se entrega a esta sorte de divertimento. As mais das vezes encontram-se grupos numerosos de jovens que unem os sons do violão aos da flauta ; são geralmente pouco variados os seus accordes, mas sempre justos, e essas arias simples, repetidas com tanta doçura, enchem a gente de singular melancolia, sobre tudo no seio de uma bella noite dos tropicos.

« Em vão se buscaria até agora a perfeição da musica entre os brasileiros, mas não existe solemidade importante sem que tenha a sua missa com grande orchestra e em quasi todas as festas particulares se renovam os concertos E' uma necessidade a musica, que desejam sem cessar e que escutam com gosto emborã seja

imperfeita. Onde existe semelhante paixão, devem necessariamente nascer grandes musicos, e bastará algum alento do governo para dar ao novo mundo um Mozart, um Paësiello, um Cimarosa. Nos salões multiplicam-se os pianos, se bem que não se fabriquem ainda no paiz. Ha cinco para seis annos era cousa rara uma harpa no Rio de Janeiro ou em S. Salvador, não obstante achar-se este instrumento em voga em algumas partes da America meridional.

« Existe no Rio de Janeiro uma opera, e goza-se de igual vantagem na cidade da Bahia. Longe estão os cantores, como é de crer, de igualar aos que cantam na Europa, mas melhorarão com o tempo ; falta-lhes unicamente esses modelos que se encontram nos lugares em que os multiplicam os esforços da arte, concorrendo para um aperfeiçoamento desconhecido até então, apesar do gosto para a musica.

« A antiga capella real ou imperial do Rio de Janeiro offerencia excellentes modelos para lição. Ahi dirigia o celebre Portugal uma orchestra numerosa, e crer-se-ia transportado ao seio da harmoniosa Italia,

« Entre as bellas artes, é pois a musica uma d'ellas para a qual mais quéda sentem os Brasileiros. »

Segue no tomo II.

MODINHAS

ACABOU-SE A MINHA CRENÇA

POESIA DE LAURINDO REBELLO, MUSICA DE ALMEIDA
CUNHA

Acabou-se a minha crença,
Sem crença devo morrer:
Quando deixei de crer nella,
No que mais poderei crer ? !

Onde a verdade
Póde fugir,
Se até um anjo
Sabe mentir !

Como um anjo me jurou
Como um anjo me sorriu;
Como um anjo perjurou
Quebrou a jura — mentiu

Onde a verdade
Póde fugir,
Se até um anjo
Sabe mentir !

No olhar e nas palavras
Onde a innocencia respira,
Em tudo que diz — verdade
Só encontrei a mentira !

Onde a verdade
Póde fugir,
Se até um anjo
Sabe mentir !

ACEITA LUCINDA

Aceita, ó Lucinda
A rosa, tão linda
Que orvalha-se ainda
De meigo frescor ;

Ella é primorosa,
Fragrante, cheirosa,
Nascida mimosa
No vale de amor.

Tem terna lindeza
Tem doce belleza,
Do valle é princeza,
Rainha é das flôres ;
Toda ella é perfume,
Não nutre o ciume
Pois tudo a presume
Ser deosa de amôres.

N'um valle vistoso,
Mui lindo e formoso,
Surgiu gracioso,
Da rosa o botão ;
Depois foi-se abrindo,
Perfume espargindo,
Mas sempre sorrindo
Com doce afeição !

Não ves, ó donzella,
Sorrindo-se ella,
Tão pura tão bella,
No seu desabrir ?
Pois são mais formosos
Teus labios mimosos,
Que sabem, aiúcos,
De amores sorrir.

A CANTORA

E tu és tão linda,
Mimosa Lucinda,
Qual rosa que ainda
Desabre o botão ;

E's casta, formosa,
Qual flôr amorosa,
Que vive saudosa
Na casta isenção.

E toma, ó lindinha,
A linda rosinha,
Gentil, galantinha,
Do seio das flôres
Ella é primorosa
Fragrante, cheirosa,
Nascida mimosa
No valle de amores.

A SAUDADE CONJUGAL

A consorte virtuosa,
Que benigno o céu me deu ;
Succumbe á mão da doença ;
Ai de mim, ella morreu !

Justos céos ! que dôr acerba
Me traspassa o coração !
Acabo tambem a vida
De meu mal tem compaixão.

Tão feliz passou o tempo
De nossa curta união,
Quão horríveis os instantes
Desta cruel solidão.

ACORDA, MINHA QUERIDA

Acorda minha querida,
Acorda fuge do leito,
Vem ouvir a voz do peito
Do teu terno trovador.

*Oh Céos, que silencio !
Que dôr , que pesar !
Que grato luar,
Que noite de amor!*

Vem ver a lua formosa
Dos amantes protectora,
Vem abraçar como outr'ora
Teu constante trovador.

Oh Céos, etc.

Troca os sonhos que t'illude
Pela verdade ditosa,
Vem consolar amorosa
Teu saudoso trovador.

Oh Céos ! etc.

Neste sitio onde ditoso
Já gozei o teu carinho,
Não deixes genier sósinho
Teu amante trovador.

Oh Céos! etc.

Acorda, minha querida,
Vem me dar um teu sorriso ;
Vem abrir o paraíso
A teu terno trovador.

Oh Céos! etc.

Mas ah ! de balde te chamo
Só me escuta a natureza,
Já do somno és feliz preza,
Não ouves teu trovador.

Oh Céos! etc.

Bella lua além fulgura
Em mimoso céu de anil ;
Mas aqui nem um ceitel
Allumia o trovador.

Oh Céos! etc.

Acorda, virgem formosa,
Desse teu meigo dormir,
Vem escutar, vem ouvir
O teu terno trovador.

Oh Céos !

ACORDA, ESCUTA, ESCUTA

MELODIA SENTIMENTAL Á MEMORIA DO DR. LAURINDO
JOSÉ DA SILVA REBELLO POR ALMEIDA CUNHA

Acorda, escuta, escuta,
Desperta, — não durmas tanto:
Se não me podes fallar
Ao menos escuta o pranto.

Que pelo pranto que véрто
Me conhecerás então;
Quem te falla é teu amigo,
Quem te chama é teu irmão.

Bem me chamavas irmão
Quando o outro irmão perdi!
Pranteei, chorei por elle...
Agora choro por ti.

Fôrão dous irmãos ligados
No soffrer na desventura,
Foi-lhes a vida pesada,
Mas a morte prematura.

E' qu'elles dos céos nascidos
Só nos céos pódem viver,
Foi-lhes a sina na terra
Peregrinar e soffrer.

E como na terra unidos
Como irmãos se derão tanto,
Unidos nos céos escutem
Deste irmão o triste pranto.

Nos céos gosem felicidade
Pois só lá a podem ter :
Se na terra não gozárão,
Nos céos não pódem soffrer.

Acorda, escuta, escuta,
Desperta não durmas tanto ;
Se não me podes fallar
Ao menos escuta o pranto.

A DESPEDIDA

(Romance)

POESIA DE LAURINDO REBELLO, MUSICA DE ALMEIDA
CUNHA

Adeus, adeus, é chegada
A hora da despedida,
Vou, qu'importa se te deixo
Neste adeos a minha vida.

Foste ingrata aos meus extremos
Não te peço gratidão :
Perdão — para os meus carinhos
Aos meus amores — perdão !

Eu era um ente na terra,
Tu eras um cherubim !
Deus tirou-te dos seus anjos,
Não nasceste para mim.

Ah perdoa a meus amores
Esta estulta elevação ;
Perdão, etc.

O crime que commetti
Foi muito punido já,
Castigou-me o teu desprezo,
Maior castigo não ha.

Castigado reconheço
Quanto é justa a punição :
Perdão, etc.

Pouca vida já me resta !
Eu sinto qu'esta amargura
Tão intensa muito cedo
Ha de abrir-me a sepultura.

Do crime que fiz de amar-te,
Vem dar-me a absolvição :
Perdão, etc.

A DESPEDIDA

POESIA DO DR. BITHENCOURT SAMPAIO, MUSICA DE ELIAS

LOBO

Adeus terra dos amores,
Paulicéa, adeos, adeos :
Da saudade acerbas dores
Não findaráõ dias meus.

E tu, virgem peregrina,
Anjo do Céu que adorei ;
Quem sabe, terna Angelina,
Se algum dia te verei.

N'este estado de incerteza
Que mágua sinto de amor ;
Até mesmo a natureza
Parecer chora de dôr ;

Ah ! que saudades
Na solidão !
N'este meu canto
Deixo alma e pranto
E o coração.

Felicidade,
A ti, aos teus
Anjo dos Céos,
Adeos ! adeus !...

RECORDAÇÕES

Adorei na minha infancia
Bella joven, seductora,
Foi feliz minha ventura,
Nossa sorte encantadora.

Mimosa flôr
D'haste pendida,
Vem recordar
Minha querida.

De amores as delicias
Em nossos peitos jazerão,
As sabias leis de cupido
As nossas almas renderão.

Mimosa flôr, etc.

De nossa jura de amor
O hymeneu se apossou,
O doce laço da vida
Té por fim se consummou.

Mimosa flôr, etc.

Correu o tempo veloz,
Seguiu-se a sorte fatal.
Mas em breve vi findado
O nosso amor conjugal.

Mimosa flôr, etc.

Pois a morte impia e fera
Roubar veio a minha amada,
Deixando em meu terno peito
Sua imagem retratada.

Mimosa flôr, etc.

Como prova de lembrança
Da nossa antiga ventura,
Fui plantar uma saudade
Junto á sua sepultura.

Mimosa flôr, etc.

Cresce commigo a saudade,
A lembrança do passado,
E assim a penar vivo
Carpindo o meu duro fado.

Mimosa flôr, etc.

Bem juntinho da saudade
Mimosa rosa nasceu,
Recordando o nosso amor
Da debil haste pendeu.

Mimosa flôr, etc.

A ESTRELLA DE MINHA VIDA

POESIA DE VILLAS-BOAS, MUSICA DE RAPHAEL COELHO MACHADO

(*Bacarola*)

A estrella da minha vida,
Aquella esphera de luz,
Que vél-a empalledecida
Nunca no céo eu suppuz ;
 Qual meteóro que passa
 Sem traços deixar de si,
 Assim por minha desgraça,
 Do azul do céo a perdi !

Ella era a estrella mais pura
Que habitava o lindo céo !
Do manto da noite escura
Era um engaste, um trophéo ;
 Como ella outr'ora brilhava
 Nem um astro hoje reluz,
 Seo brilho n'alma fallava
 De amor, de vista, de luz !..

Quando ás vezes, qual açoite
Soprava o rijo escarcéo,
D'entré os negrumes da noite
Me apparecia no céo !..
 Como um phanal de bonança
 Me offertava os raios seus,
 Eu n'ella tinha esperanza
 Seus raios dizião— Deus !

Em quanto eu tive essa estrella,
Gozei da vida a ventura,
Depois que deixei de vel-a
Só me lembra a sepultura ;
 Pois cahido o astro amigo
 Que de norte me servia,
 Que tambem ao meu jazigo
 Chego em breve me annuncia.

Em trévas vivendo agora
Como... um ludribio da sorte,
Peço a Deus que apresse a hora
De minha propicia morte...
 Morrendo, ao menos ao espaço
 Minh'alma n'um vôo erguida,
 Talvez encontre inda um traço
 Da estrella de minha vida.

A FLOR DE MEUS CULTOS

A flôr de meus cultos
A rosa que ha pouco,
Tão cheia de encantos
Se via ostentar
De choíre o tufão
Levou-a nas azas,
As pet'las vôaram
Dispersas no ar !

Que flôr é aquella,
Que triste, coitada !
O crepe de luto
Parece vestir ?..
É flôr da saudade
Que ausente da rosa,
Commigo, chorosa,
Parece sentir.

Vem flôr de minh'alma
Unir-te ao meo seio,
Pois quero contigo
Meu pranto verter ;
O meu coração
Partido ficou,
A's farpas não pódem
Não pódem gemer.

AI MEU BEM SE EU NÃO TE AMO

POESIA DE F. M. M., MUSICA DE J. R. DE OLIVEIRA COSTA

Ah ! meu bem, se eu não te amo
Deus la do céu não me escute,
E nem o sol me allumie,
Nem a terra me sepulte.

Ah ! meu bem, se te não amo
Seja um ente sem ventura ;
As ondas do mar sanhudo
Sejão minha sepultura.

Se não crês no que te digo
Tens aqui meu juramento,
Achareis teu nome escripto
No meu terno pensamento.

Pois mesmo depois de morto,
Debaixo de frio chão,
Acharás teu nome escripto
No meu terno coração.

A HORA QUE TE NÃO VEJO

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA

A hora que te não vejo
É pr'a mim hora perdida ;
Se eu vivo só a teu lado
Como é curta a minha vida !

*Que vida d'instantes,
Que breve existencia,
Que noites de angustias
Passadas na ausencia.*

Depois que te dei minh'alma
Só vivo um' hora no dia,
Mas hoje nem gozar pude
Um momento de alegria.

Que vida, etc.

Só Silvia, nos teus braços,
Do mundo todo esquecido,
Poderei gozar n'um' hora
Da ausencia a tempo perdido.

Que vida, etc.

EIS O SIGNAL

POESIA DE J. NORBERTO DE SILVA SOUZA, MUSICA DE
DEMETRIO RIBEIRO

*A hora sôa,
Eis o signal!*

Vem minha amada,
Por ti suspiro
E vêr-te aspiro
Sempre leal.

A hora, etc.

Hora propicia
Tudo emmudece
Tudo adormece
Poder lethal.

A hora, etc.

Propicia noite
 A teus favores
 A meus amores
 É sem igual.

A hora, etc.

Terna Ocarlina
 Vem afagar-me
 Ah ! corre a dar-me
 Um prazer tal.

A hora, etc.

O PRISIONEIRO

Ai ! captivo tão moço vivendo
 Neste forte, no mar, sem ninguém,
 Cada dia te espero gemendo
 Como espero ser livre também.

*Rainha das ondas, na barca ligeira
 Aos échos cantando dirigi-te ao mar ;
 São doces os ventos a onda é fagueira.
 E o céu é sem nuvens, tu podes vogar.*

Destas aguas altanas tão bellas,
 E teu seio que lindo que está !
 Tão suave, quem sopra-te a véla ?
 Meiga brisa, ou amor ? quem será ?

Rainha das ondas etc.

Tu esperança m'inunda este peito !
 Ai ! se queres d'aqui me arrancar,
 Eu te sigo, a ventura eu aceito
 Quero livre outras plagas pizar.

Rainha das ondas, etc.

Porque páras ? a dôr que me cança
 Despertou-te este pranto pr'a mim ?
 Semelhante a fugace esperança
 Ai ! me foges, e eu vivo inda assim !

Rainha das ondas etc.

Enganou-me illusão tão querida !
 Mas que vejo ! m'estendes a mão ?
 Astro amigo que prendes-me a vida
 Amanhã seguirei teu clarão.

Rainha das ondas, etc.

AI, MEU BEM, SE EU TE NÃO AMO

Ai, meu bem, se eu te não amo.
 Um passo não chegue a dar,
 A mesma terra em que piso
 Não me queira sepultar.

Ai, meu bem, se eu não te amo,
 O Deos do céu não me escute,
 Nem o sol mais me alumie.
 Nem a terra me sepulte.

Ai, meu bem, se eu te não amo,
Seja um ente sem ventura,
As ondas do mar sanhudo
Sejão minha sepultura.

Se não crês no que te digo,
Tens aqui meu juramento :
Acharás teu nome escripto
No meu terno pensamento ;

Pois mesmo depois de morto,
Debaixo do frio chão,
Acharás teu nome escripto
No meu terno coração.

ALÉM DE MEUS MALES

Além de meus males
Vem Marcia infiel,
Zombar de meus zelos
Ser sempre cruel.

*E' tão caprichosa.
E' tão fementida !
Não sabe essa ingrata
Que rouba-me a vida*

*Oh ! Marcia bella
Dos sonhos meus,
Por teus ciumes
Eu morro— adeos !*

Da sorte os caprichos
Não me attribulavão,
Quando os labios della
Um riso me davão.

E' tão etc.

Mas agora se reunirão
A ingrata e a sorte,
Para gotta a gotta
Me darem a morte.

E' tão etc.

CIUMES

POESIA DE ANTONIO JOSÉ

A leôa embravecida
Ao se vêr destituida
Do filhinho tenro e caro
Com furores e bramidos
Rompe a terra e fere o ar :
Assim eu em meus gemidos
Bramo, peno e sinto e choro,
Vendo, oh Deos, o qu'eu adoro
N'outros braços descançar !

ALTA NOITE

POESIA DE J. NORBERTO, MUSICA DE NORONHA

Alta noite ! Tudo dorme...
Tudo é silencio na terra.
Nem se quer nos ares erra
Negro mocho gemedor !
Oh ! que horas tão propicias
Para quem gema de amor.

Sob a avara gelosia
De seu bem caro adorado,
Ancioso praso dado
Espera o teu amador !
Vem saudosa e grata amante,
Que por ti suspira amor !

Leonor meu doce anjo,
Vê que sôa a hora primeira,
Vem pela vez derradeira
Abraçar o teu cantor ;
Em teus braços ache a vida
Quem por ti morre de amor.

Só por ti affronto a morte,
E esta vida tão amada,
Ao cruel golpe da espada
Vou por ti contente expôr ;
Oh ! por mim seja o triumpho,
Que por ti é meu amor.

Já se abre a gelosia,
 E' hora da despedida...
 Podesse aqui minha vida
 Findar da saudade a dôr
 Vem saudosa e grata amante,
 Tua porta abrir a amor !

ACCRESOIMO DO BARÃO DE S. GONÇALO

Leonor, que a voz sonora
 Do seu trovador ouviu ;
 Ai triste não reflectiu,
 N'um cauteloso rumor :
 Diz que sim ao terno amante,
 Que se abraza só de amor.

Já descendo ia apressada
 Para ingresso dar ao amante,
 Quando um grito penetrante
 A' alma lhe traz a dôr...
 Era um ai de seu amante
 Que morre por seu amor.

Um rival que occulta espreita
 A ventura do rival,
 Cravou—traidor— o punhal !
 No feliz adorador...
 E fugindo, deixa-o exangue,
 Esperando o seu amor.

E Leonor que indecisa
Com seu ai quasi ficou,
Já de novo se animou,
Energia dando á dôr ;
Desce a rua e delirante
Vae salvar o seu amor.

Depoz os labios tão puros
Sobre os da larga ferida,
Parecia alento e vida
Dar ao ferido cantor :
Rasga seu branco vestido,
Para atar o seu amor.

Depois o deixa, de novo,
Volta com agua e afflicta
O morto apalpa e agita,
Ponde-lhe d'agua o frescor :
Mas não desperta o amante,
Quanto soffre o seu amor !

Curvada já sem espr'ança
De vê-la á vida voltar,
Começa então a chorar
Cheia de magoa e de dôr.
Cahem lagrimas ardentes
No peito do seu amor.

Subito o amante estremece,
Abre os olhos, volta á vida :
Vê sua Leonor querida
Junto delle toda em dôr...
Foi o pranto que deu vida
A quem morrera de amor.

A AMANTE DO POETA

POESIA DE M. M., MUSICA DE J. LEITE

A meiga virgem
Dos sonhos teus,
Ora na terra
Por ti, á Deos.

*Anjo predido
Na solidão,
Ouve os suspiros
D'um coração !*

Sôpro de morte
Gelou-te o peito,
Tombaste cêdo
N'um frio leito.
Anjo etc.

Se tu na vida
Me déste os cantos,
Na morte escuta
Meus tristes prantos.

Anjo etc.

Adeos, ó bardo,
Sonha comigo,
Nanoute eterna
Do teu jazigo.

Anjo etc.

A MINHA ALMA

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

A MINHA alma não se entende,
Nem sei, Lilia, o que procura ;
Só sei que a minha ventura
Do teu coração depende.
Com teu sorriso se acende
A minha ardente paixão ;
Com a tua indignação
Cresce a minha dôr interna ;
E' teu resto quem governa
A paz do meu coração.

MEUS ABRAÇOS, MEUS BEIJINHOS

Amo a uma pequenina
Que me chama seus carinhos
Porque lhe dou por amor
Meus abraços, meus beijinhos.

Quando estou juntinho d'ella
Tudo são mil agradinhos,
Tudo são mimos do céu
Meus abraços, meus beijinhos.

Quando o ciume começa
Já não sou então carinhos,
Já não são mais para ella
Meus abraços, meus beijinhos.

Me diz, mordendo-se toda,
Não preciso de carinhos,
Não quero mais seus abraços,
Nem tão pouco os seus beijinhos

A MULHER

Amor de mim não fez caso
Roubou-me, cruel fementida,
Com meu rival a teu lado
Ingrata, roubas-me a vida.

*Por Deos que a vida é um sonho
Quem n'ella não sabe amar!
Mulher a quem tanta amei
Hoje me quer desprezar.*

Antes eu nunca te visse
Nem te tomasse amizade,
Para agora me deixares
No rigor de uma saudade.

Por Deos, que a vida, etc.

Os dias de minha vida
 Levo contigo a sonhar,
 Pensando no teu amor
 Vivo só a suspirar.

Por Deos, que a vida, etc.

Falla mulher de minh'alma
 Se ainda me tens amor;
 Falla, por Deos eu te juro
 Que serei teu trovador.

Por Deos, que a vida, etc.

TEU SUSPIRAR

POESIA DE J. M. MOURÃO, MUSICA DO DR. CLARIMUDO

Amor querendo
 De mim zombar,
 Teus olhos, Lisia,
 Me quiz mostrar.

Suave effeito
 Então senti...
 E escravo d'elles
 Logo me vi.

Agora, Lisia,
 Sinto paixão,
 Por tí só geme
 Meu coração.

S'estes affectos
Intentas pagar,
Lisa, me basta
Um teu suspirar !...

O DESEJO

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA SILVA

Ardo, oh ! bella,
N'um desejo,
De te um beijo
Offerecer ;
Mas receio
A cada instante,
Incessante
Te offender.

Sim receio...
Mas as faces
Mas vivaces
São na côr !
Oh ! que rosas
Tão perfeitas !
Que colheitas
Para amor !

E o receio
Se esvaece
Que recresce
O desejar...
E a esperança,
Que me alenta,
Se accrescenta
A me inspirar!...

Mas tu voltas
O semblante,
N'um instante
A me fugir,
Não me queres,
Não me attendes,
Só pretendes
Me affligir!

Vês a abelha,
Que á roscira
Vae ligeira
Osculo dar?
Eil-a toda
De ventura
E doçura
A se fartar!

Vês as aves
Que arrulhando
E beijando
Lá s'evão!

Que doçura
N'essa estreita,
Tão perfeita
União!

Vês a brisa
Sobre o lago?
Com que afago
Se espraçou!
Oh! nas aguas.
Que ventura,
Que doçura
Respirou!

E eu sómente,
Desgraçado,
Despresado
Sou de amor!
Como é duro
Meu destiuo!
Que ferino
E' teu rigor.

MAS NÃO LHE DIGAS DE QUEM

POESIA DO VISCONDE DA PEDRA BRANCA

Ar, qu'em torno de mim giras,
Gira em torno do meu bem,
Dize-lhe que es um suspiro,
Mas não lhe digas de quem.

E tu, dize-lhe, ribeiro,
Que augmentadas as aguas tem
Lagrimas d'um imprudente,
Mas não lhe digas de quem.

ARVOREDO TU QUE VISTE

Arvoredo tu que viste
A minha Jonia mimosa,
Apparecer-te saudosa
Com seu rosto encantador ;
Deixa cahir tuas folhas,
Sente tambem minha dôr.

*Mudão-se os tempos
Desta ventura,
Jonia perjura
Não tem-me amor.*

Jonia ás vezes me dizia,
Com amante singeleza ;
Aonio tem a certeza
Que te amo com ardor.
Deixa cahir tuas folhas,
Sente tambem minha dôr.

Mudão-se, etc.

Ao ver seus olhos formosos
Cheios de tanto languor ;
Quem supporia seu peito
Tão cruel e tão traidor !
Deixa cahir tuas folhas,
Sente tambem minha dôr !

Mudão-se, etc.

Estes arbustos a ouvirão,
Elles sentem a minha dôr,
Guardo á floresta o segredo
Deste mysterio de amor.
Chora comigo, arvoredos,
Sente tambem minha dôr.

Mudão-se, etc.

O MEU FIEL JURAMENTO

MUSICA DE NORONHA

Arv're que emballas teus ramos
 Nas brandas azas do vento,
 Deixa gravar em teu tronco
 O meu fiel juramento.

Se aqui passar alguma dia
 O motor do meu tormento,
 Leia ao menos uma vez
 O meu fiel juramento.

E se sobre estas palavras
 Meditar um só momento,
 Saiba que fida ainda guarda
 O meu fiel juramento.

A SAUDADE ME FLAGELLA

POESIA DE SALVADOR FABREGAS

A saudade me flagella!
 Mas não posso em ti fallar ;
 O motivo por que peno
 Devo sempre em mim guardar.

*Mas se a sorte melhorar
 O cruel destino meu,
 Hei-de ver-te nos meus braços
 E depois voar ao céo.*

Eu adoro a uma ingrata,
E não posso aborrecel-a ;
E' tão cruel minha estrellã
Qu'estou sempre a suspirar ;

Mas se a sorte, etc.

Recordando que o teu nome
N'um verde tronco escrevi,
Fui beijal-o e quasi louco
Julguei dar um bêijo em ti.

Mas se a sorte, etc.

ASTRO DO CÉO

POESIA DE G. P.

Astro do céo,
Rara belleza,
Acaso és dem
Da natureza ?

Da natureza
És perfeição,
Aceita, ó bella,
Meu coração.

Meu coração
A ti pertence,
Tu candura
A mim só vence.

A mim só vence
Teu mago olhar,
Tão penetrante
Faz-me expirar.

Faz-me expirar
Sómente ao ver-te,
Mas quero a vida
A pertencer-te.

Para pertencer-te
Para ser ditoso,
Quisera um sim
Esperançoso.

Esperançoso
De ti almejo,
Dos labios teus,
Um doce beijo.

Um doce beijo
Seria a paga,
Seria a cura
P'ra minha chaga.

P'ra minha chaga
Inda sangrenta.
Mas que é isso
Ella se ausenta.

Ella se ausenta
Por que cruel,
Queres ainda
Que eu sorva fél.

Que eu sorva fél
Eu te enganei,
És illudida
Muito te amei.

Muito te amei
E adivinha,
Inda te amo
Oh bella minha !

LAURA

POESIA DE FREDERICO COLIN

A aurora bella.
Fresca e formosa,
Os céos c'lorindo
De ouro e rosa :

O doce aroma
Do prado em flôr,
Trajando galas
D'aureo primor ;

A borboleta
Setim dourada
Pelas flôrinhas
Dependurada ;

Tudo que ha ledo,
Na terra e céo
Não vence em graças
A um riso teu.

A lympha em perolas
Serpenteando,
Quando nâs pedras
Vai scintillando ;

O hymno alegre
Dos passarinhos,
Cantando amores,
Entre os raminhos ;

Laura formosa,
Teu bello riso
Resume as graças
Do Paraiso !

AVESINHA SOLITARIA

POESIA DE ANTONIO JOSÉ

Avezinha solitaria
Saudosa, amante e triste,
Sou, nos echos que repito,
De continuo a suspirar ;
E no canto em que procura
Dar allivio a seu tormento,
Mais cresce o rigor violento,
Mais se augmenta o seu penar.

BASTA, AMOR !

Basta, amor, meu terno peito,
Assás penado já tem,
Para sua desventura
Foi bastante querer bem.

*Amor escuta
Tão justa queixa ;
Amôr piedade
Vai-te me deixa.*

O pranto me inunda a face,
Nos olhos não se detem,
Quem quer chorar, conto eu choro,
Custa pouco ; queira bem.

Amôr, etc.

Contra os delírios de amôr
A razão força não tem,
Que a razão é só quiméra
Se se oppõe ao querer bem.

Amôr, etc.

BEIJO A MÃO QUE ME CONDEMNA

POESIA DO DR. J. M. NUNES GARCIA, MUSICA DE R. S. P. M.

Beijo a mão que me condemna
A ser sempre desgraçado,
Obedeço ao meu destino,
Respeito o poder do fado.

Que eu ame tanto
Sem ser amado !
Sou infeliz,
Sou desgraçado !

BEM COMO O ORVALHO DA NOITE

Bem como o orvalho da noite
Busca o carinho da flôr;
Assim minh'alma em delirio
Suspira por teu amor :
 Mas com tanta crueldade
 Nem sequer tens-me amisade.

Mas si eu podesse encontrar
De teus labios um sorrir,
Seria a minha ventura
E tambem o meu porvir :
 Mas com tanta crueldade,
 Nem sequer tens-me amisade.

Permitta o céo que algum dia
Mas feliz eu possa ser,
Se continuar nesta sorte
Antes prefiro morrer.
 A morte é sonho dourado,
 Para quem é despresado.

A CLORI

POESIA DE ANTONIO JOSÉ

Borboleta namorada,
Que nas luzes abrasada,
Quando expira nos incendios,
Solicita o mesmo ardor :

Tal, oh Clori, me imagino ;
Pois parece que o destino
Quer, por mais que tu me mates,
Que appetença o teu rigor.

O BOTÃO DE ROSA

POESIA DE GONSALVES LEDO, MUSICA DE JOSÉ RUFINO

*Botão de rosa,
Mimosa flôr,
E's o retrato
Do meu amor.*

Se tu tens nas breves folhas
Suave, purpurea côr,
Nas pulchras faces de Lilia
Arde em chammas o rubor.

Botão de rosa, etc.

Se o ar vizinhos perfumas
Com o teu suave odor,
De Lilia o virginco bafo
Inspira e convida a amor.

Botão de rosa, etc.

Tu abres o rubro seio
Ao formoso heija-flor,
Nos botões do seio della
Haure a vida o casto amor.

Botão de rosa, etc.

O GALLO DE CAMPINA

POESIA DE NATIVIDADE SALDANHA

Campino gällo
De garbo cheio,
No prado voa
De amor contente;
Orna-lhe a frente
Vermelha c'róa.

*Ave tão bella
Não viu ninguém.*

Cólar purpureo
 Lhe adorno o peito :
 Quando ella então
 Doces amores
 Por entre as flores
 A voz resôa.

Ave, etc.

O ADEUS

POESIA DO DR. GABRIEL NAVARRO, MUSICA DE
 A. C. MARTINEZ

Casta mimosa flôr
 Dos bellos jardins de Deos,
 Amo-te com tanto ardor,
 Estrella dos sonhos meus !
 Minh'alma toda queimei
 No fogo dos olhos teus :
 Nem sabe quanto te amo,
 Estrella dos sonhos meus !

*Flôr meiga e bella,
 Dos sonhos meus ;
 Oh minha estrella
 Adeus, adeus !*

Tu eras minha esperança
Da vida nos escarcéus
Meigo astro de bonança
Estrella dos sonhos meus;
Mas desse amor tão santo
Das flores puras dos céos;
Hoje quebrão o encanto
As lagrimas de um adeus.

Flôr meiga, etc,

Longe de ti peregrino
D'uma agonia cruel,
Vou tragar do meu destino
A taça de amargo fêl,
Anjo que tanto adorei
Estrella dos sonhos meus,
Quem sabe se te verei
Nunca mais : adeus, adeus !

Flôr meiga, etc.

CASO DE AMOR TÃO FINGIDO

Caso de amôr tão fingido
 Eu já fiz, hoje não faço,
 Eu por ti já dei a vida
 Hoje não dou nem um passo.

*Basta, ó cruel. já não posso
 Soffrer da sorte o rigor ;
 Não vés que por ti padço
 Lembranças do nosso amor.*

Se fazes gosto em deixar-me
 Ninguem te priva, ó cruel.
 Mas ao menos saiba o mundo
 Que te fui sempre fiel.

Basta, ó cruel, etc.

Um pensamento de morte,
 Uma lembrança de amôr,
 Uma esperança perdida
 Eis o que faz minha flôr.

Basta, ó cruel, etc.

Vem ó Lilia, vem chorosa,
 Em meus braços reclinar-te,
 Vem ouvir ternos queixumes
 Quero tudo relatar-te.

Basta, ó cruel, etc.

Vês cruel, quanto padeço,
Vê também qual é meu fado,
Vê que na vida de amôres
Quem ama quer ser amado.

Basta, ó cruel, etc.

O CHECHÉO

POESIA DE NATIVIDADE SALDANHA

Chechéo engraçado
Gentil mangador
Das aves brasílicas
O incanto e a flôr,
Quem pôde igualar te
Mimoso cantor?

Orpheu sonoro
Assim não cantava
Quando a esposa bella
Do Crébro chamava,
E as mágoas em cantos
De amor transformava.

Das aves imita
O vario gorgéio,
No canto suave
De harmonia cheio :
Dos homens, dos numens
E' o doce recreio.

Adorna o teu corpo
Negra loira còr,
Teu corpo respira
Ternura e amor;
Quem pôde igualar-te
Mimoso cantor ?

ANJO DO CÉO, TU ME MATAS

Com este rosto, onde acatas
O pundonor e sorriso ;
Onde mil graças diviso
Anjo do Céu, tu me matas !
Meu peito todo dilatas
No mais completo prazer,
Quizera meu anjo ser
O teu bem idolatrado,
Com ternuras e agrados
Tu me matas sem querer.

Se volves um riso a mim
Oh! que dita, oh! que ventura !
Se me adoras, virgem pura,
De teus labios quero *um sim* ;
Mas leve còr de carmim
Faz teu rosto enrubecer,
Nada tenhas a temer
Em me fallar a verdade ;
Para minha felicidade
Quero *um sim* — depois morrer.

UM JOGO

MUSICA DE NORONHA

Com gentil formosa dama
Ha muito tempo joguei,
Puro jogo em que perdendo
Com essa perda ganhei.

Comecei por um sorriso
Ella um olhar me lançou,
Com esse olhar fiquei doudo
Quasi com elle ganhou.

Insiste dei-lhe um suspiro
Ella um ai me desprender,
Ouvindo soltar segundo
Calou-se e quasi perdeu.

Dei-lhe um sentir de minh'alma
Deu-me um sorrir de paixão,
Quiz vencer, fiquei vencido
Lá perdi meu coração.

Perdi tudo mas que importa
Se em breve me resarei,
Se ganhei a affeição della
Em troca do que perdi?

Ha muito tempo, ha muito
Comtigo Isbella jognei,
Per-lesse embora no jogo
Nessa perda a fim ganhei.

A VOZ INTERCADENTE

POESIA DE JOSÉ ELOI OTTONI

— Compadecer-te de mim !
Rouca voz intercadente,
Solta este som magoado,
Para exprimir o que sente.

« O quadro é só de miserias
Intrincado labyrintho,
Mortal, tu és o que eu fui,
Mas não sentes o que eu sinto.

« Não fujas, não desampares
Um esqueleto ainda vivo ;
A compaixão é um preludio
Que offerece a dôr linitivo.

« Se a esperança de quem pede
Tem a virtude por fim.
Ah soccorre-me, não tardes,
Compadece-te de mim ! »

COMO AQUELLE ANJO FORMOSO

(Saudade)

Como aquelle anjo formoso
Que tão cedo me deixou ;
Não me deixes, ó saudade,
Caro bem que me ficou.

*Saudade, minha saudade,
Ficaras comigo aqui :
Se amanhã deixar o mundo
Contarás quanto eu soffri !*

Ella foi, mas, ó saudade,
Tu comigo ficarás :
Porque a sua linda imagem
Sempre amiga lembrarás.

Saudade, etc.

Ai de mim desventurado,
Ai deslumbrante pensar,
Só me ficarão saudades
Saudades de me matar.

Saudade, etc.

Aquella graça que tinha
O seu olhar seductor,
Me fazia só pensar
E abraza-me em seu amor.

Saudade, etc.

COMO A ROSA O AMOR DURA UM DIA

MUSICA DE RAPHAEL COELHO

Como a rosa o amôr dura um dia,
Ninguem creia nos votos d'amôr,
Sois mimosa, do cume da gloria
Precipita no abysmo da dôr.

Só contigo, no peito e na mente,
E's meu bem, tu meu Deus, cá na terra,
E' por ti que meu peito palpita
E' em ti que o mundo se incerra.

Insensato é o homem que pensa,
Gozar vida sem ter dissabor,
Terno amor que o prazer nos conduz ;
Nos arroja no abysmo da dor.

Já no mundo gozei mil venturas,
Fui feliz, fui ditoso em amor,
Hoje vivo de todo esquecido
Sepultado no abysmo da dôr.

Insensato é o joven que pensa,
Ter amantes com ingratições,
Entre amor, amor não ha tyrannia
Que escravisa nossos corações.

Já no mundo gozei da ventura
Fui feliz, fui ditoso em amor
Hoje vivo de todo esquecido
Sepultado no abysmo da dôr.

COMO SE AMA A DEUS NO CÉO

Como se ama a Deus no Céu
Te adorou minh'alma pura :
Mas tu desprezas, ingrata,
Meus extremos de ternura.

*Se desprezar tu podeste
Quem soubr tanto ádorar-te,
Não devo amar quem me odeia
Devo tambem desprezar-te.*

Porque se é crime o desprezo
Em paga de uma afeição,
Tambem é loucura aniar-se
Quem pratica ingratição.

Se desprezar, etc.

E eu amei-te tão sincera,
Tão santa e devotamente,
Que teu desprezo só mostra
Seres ingrata, inclemente.

Se desprezar, etc.

Hoje deixei de adorar-te
Com a mesma crença de então,
Pois só adoro a quem ame
Os dotes da gratidão.

Se desprezar, etc.

CRIME E DEFEZA

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Criminão-me as bellas
De mão coração ;
Mas oução-me e digão.
Se eu tenho razão.

Amei a Marilia,
Que me queria bem,
Mas não a mim só,
Sim a mais alguem.

Amei depois Lilia
Que nui me queria ;
Mas ao mesmo tempo
A outro attendia.

Amei depois Nise
Pelas prendas suas ;
Fez-me em poucos dias
O mesmo que as duas.

Por estas e outras
Mais amar não quiz ;
Porque se eu amasse,
Seria infeliz.

Firme estava nisso ;
Mas vi Marcia bella,
Fiquei sem querer
Morrendo por ella.

Que agrados me fez !
Que provas de amor !...
Pois no meio disto
Inda foi peor !

Jurei não amar
Mais mulher alguma ;
Querer muito a todas,
E bem a nem uma.

Mas para evitar
Riso insultador,
Com que ellas moteijão,
Quem zomba de amor :

Affecto que adoro,
Finjo muito agrado ;
E quando é preciso
Até finjo enfado.

Destes fingimentos
Criminão-me as bellas ;
Mas isto que faço
A prenda com ellas !

TRISTES SAUDADES

POESIA E MUSICA DE DAMIÃO BARBOSA

Da saudade lastimosa,
Que persegue amantes peitos,
Eu soffro n'esta alma afflicta
Os crueis duros effeitos.

*Quem déra me ouvisse
Alquem de ternura,
Que meigo escutasse
A minha amargura.*

Tristes saudades padecem
Peitos a amôr sujeitos,
Conheço por experiencia
Os crueis, duros effeitos.

Quem déra, etc.

Ciumes, ais não conhecem
Peitos a vigôr affeitos,
Pois quem ama é quem sente
Os crueis, duros effeitos.

Quem déra, etc,

QUEIXA

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Debaixo de um alto cedro
Onde contigo sonhei,
Acordei, Marcia, e o teu nome
No duro tronco gravei.

Tal estrago fez no tronco
N'um só dia o nome teu,
Que as verdas folhas seccarão
O duro tronco morrøu.

Se mata a um tronco o teu nome ,
Gravado por minha mão ;
Que hei de esperar, si o amor mesmo
Gravou-te em meu coração ?

Mais desgraçado do que o tronco
A natureza me fez ;
Eu morro todos os dias !
Elle morreu uma vez !

DEIXEI CABANAS

Deixei cabanas ;
Deixei meu gado ;
P'ra vêr Annalia
Dos meus cuidados.

Annalia bella,
Eu te votei:
A fé mais pura
Que te jurei.

Annalia, escuta
Os meus gemidos,
Sahem do peito,
Não são fingidos.

Ah! vem Annalia,
Entre no meu peito-
Vem ver o estrago;
Que me tens feito.

Annalia foge
Não sei p'ra onde;
Chamo por ella.
Não me responde.

Eis a fortuna
Qu'eu tenho achado
Amar constante
Sem ser amado.

Amar constante
Sem ser amado,
Por outro amante,
Ser desprezado;

Agora creio
Dever morrer,
Para essa ingrata
Nunca mais vêr

Annalia bella
Que eu tanto amei,
Quanto te adoro
Nem mesmo eu sei !

Ah ! Deos do céu
Dá-me soccorro,
P'ra vêr Annalia
Senão eu morro.

DEIXA DHALIA

POESIA DE PAULA BRITO

Deixa dhalia, flor mimosa
Ostentar tua belleza,
Tua imagem respeitosa
E' o emblema da tristeza.

*Nas róxas folhas
Tens o padrão
De quanto soffre
Meu coração!*

Teu centro, duro, exaspera
Minh'alma, em zelos acesa,
Flor que assim, paixão exprime
E' o emblema da tristeza.

Nas róxas etc

DE LIVRE QUE SEMPRE FUI

De livre que sempre fui,
Hoje escravo me tornei :
O amor sujeita tudo
Ao rigor da sua lei.

*Inda que prêso
Dos olhos teus,
Dos actos meus
Nao sou senhor :
Fica-me a gloria
De ser venido.
De ser venido
Por teu amor.*

O preso quer liberdade
No seu estado afflictivo,
Eu, donzella, de teus braços
Quero ser sempre captivo.

Inda que, etc.

SAUDADES DE ALCINO

POESIA DE SILVA RIO, MÚSICA DE ?

De Marilia Alcino ausente
Maldizia a triste sorte,
E achava mais doce a morte
Que a vida sem ver seu bem,
Porque ao lado de Marilia
Sómente alegria tem.

Na idéa gravada a tinha
A todo o instante do dia !
De noite em sonho so via
A imagem de seu bem,
Porque o nome de Marília
No peito gravado tem.

Saudade, cruel saudade
Ralava o peito do triste,
Mas elle sabe que existe
Na memoria de seu bem,
Porque o peito de Marília
Ternura e firmeza tem.

A lyra d'ouro empunhando
Triste Alcino suspirava,
E depois assim cantava
Com saudades de seu bem :
« Ninguem iguala a Marília,
Nada mais encantos tem,

« Seu rosto, seus lindos olhos
Tem a minh'alma captiva,
E serei, enquanto viva,
Firme escravo de meu bem,
Porque as graças de Marília
Meu peito vencido tem,

« Quando seus lábios beijava,
De prazer quasi morria ;
So me lembra que existia
'Stando ao lado de meu bem ;
Oh quanto é linda Marília !
Quantos attractivos tem !

« Quando sua voz divina
De amor sonora cantava,
O prazer me arrebatava
Ouvindo cantar meu bem ;
Que doçura tem Marília !
Que expressão tão terna tem !

« Oh quem me dera inda vel-a !
Que prazer não sentiria !
De tudo me esqueceria
Tornando a ver o meu bem ;
Pois quando vejo Marília
Não me lembra mais ninguém . »

GRANDEZAS DA TERRA

POESIA DE JOSÉ VICTORINO E MUSICA DE ELIAS
ALVRES LOBO

De que valem grandezas da terra,
Seus orgulhos despidos de amôr,
Se as grandezas tão fôfas que encerra
Se sepultão da campa, no horror?...

De que valem sorrisos fagueiros
Desprendidos sem alma ou ardor,
Se os sorrisos voando ligeiros
Vão sumir-se da campa no horror ?...

De que valem bellezas na vida
Sem o brilho do meigo pudor,
Se a belleza, qual flôr já pendida,
Perde o viço, da campa no horror ?...

De que valem na vida os prazeres,
Ternas phrases, do ouro o fulgor,
Se taes brilhos, encantos, poderes
Lá se escondem da çampa no horror? . .

Êsta vida é votada á tristeza,
A's miserias, aos prantos, e a dôr ;
N'ella a gloria, o poder, a belleza,
Tudo foge da campa no horror !...

Venha embora uma falsa doçura
D'esta vida occultar o amargor,
Tudo acaba !samente a alma pura
Não succumbe da campa no horror.

DE TI FIQUEI TÃO ESCRAVO

De ti fiquei tão escravo
Depois que teus olhos vi,
Que vivo só por teus olhos,
Não posso viver sem ti !
Contemplando o teu semblante
Sinto a vida m'escapar,
N' um teu olhar perco a vida
Resuscito n'outro olhar.

*Mas é tão doce
Viver assim !
Lília, não deixes
De olhar p'ra mim*

N'um raio dos teus olhares
Minh'alma inteira prendi,
Só tens minh'alma em teus olhos
Não posso viver sem ti !
A qualquer parte que os volvas
Sinto minh'alma voar,
Inda que livre das azas
Preso só no teu olhar.

Mas é tão etc.

Qu'era meu fado ser teu
Ao ver-te reconheci,
Nada muda a lei do fado
Não posso viver sem ti!
Por não ver inda completa
Essa doce escravidão,
Se me ferem teus olhares
Choro sobre meu grillão.

Mas é tão, etc.

Por esses teus lindos olhos
A ser sincero aprendi,
Se me consagras amor
Não posso viver sem ti!
Por seres firme e constante
Entreguei-te o coração,
Por ti sómente s'inflamma
Na mais ardente paixão.

Mas é tão etc.

OS OLHOS BELLOS

MUSICA DE CANDIDO IGNACIO DA SILVA

De uma pastora
Os olhos bellos,
Me tem causado
Amor desvellos.

Morro por ella
A todo instante,
Mas ella ignora
Meu peito amante.

Agro receio
Me embaraça,
Fico indeciso
Não sei que faça.

Emfim amôr
Rege meus passos,
A vêr se encontro
Fagueiros laços.

Chego-me a bella
Mas com pudor,
Apenas fallo
No meu amor.

Confusa fica
Os olhos volve,
Levanta a voz
E assim resolve.

Vivamos sempre
Em doces laços,
Depois me aperta
Entre seus braços.

Pensem amantes
A sensação,
Que sentiria
Meu coração.

DA-ME UM SORRISO

POESIA DE J. J. BERNARDO, MUSICA DE
J. F. DAS CHAGAS.

Dize-me, ó bella, se me amas,
Escuta com attenção :
Dá-me um riso dos teus labios,
Consola meu coração.

Se teu affecto é volúvel
Porque m'illudes em vão ?
Pede a teu anjo um punhal
E me crava o coração.

Ah! como sou infeliz!
Amar e não ser amado,
Ser pelo anjo que adoro
Pouco a pouco desprezado.

Prudencia tu és a mãe
D'um infeliz como eu :
Já gozei horas felizes
Meu coração já bateu.

Mas hoje a sorte mudou-se
Tornou-se um fel o meu fado;
Tinha ventura, acabou-se,
Pois amo sem ser amado.

DORME, DORME, O' MORÉNA.

MODINHA E MUSICA DE ALVES.

Dorme, dorme, ó morena,
O somno da eternidade !
Que só deixaste ao esposo
A triste dôr da saudade.

Roubou-me a Parca tyranna
O meu mais câro penhor,
Com elle a flôr dos meus dias
Minha vida e meu amôr !

Que sôrte desventurada
Traz meu pranto em amargura !
Dorme, dorme ó morena
Lá na fria sepultura.

Se tu meu pranto escutares
Envolto com o meu soffrer,
Passarei contente a vida
Até findar meu viver.

Se os meus lamentos ouvires
Repassados de ternura,
Dorme, dorme ó morena,
Lá na fria sepultura.

Adeus, ó bella morena
Descançada d'este mundo,
Fico só em cruel luta
Com este ardor tão profundo.

E AQUI ... BEM VEJO A CAMPA.

POESIA DO FALLECIDO DR. LAURINDO, MUSICA
DE ANTONIO LUIZ DE MOURA.

E' aqui ! . . . bem vejo a campa
Onde jazem meus amores,
O perfume de su' alma
Inda sinto nestas flores.

*Aqui nascêrão saudades
Plantadas por minha mão,
Nascerão—devem regal-as
Pranto do meu coração.*

Pranto amargo de minh'alma
Orvalho hem estas flores .
Vérte aqui saudosa magoa
Que sinto por meus amores.

Aqui nascerão etc.

 O ECHO

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUSA SILVA.

Echo piedoso, não digas
A ninguem porque padeço ;
Não publiques. eu te peço,
A causa de meu clamor
Escutemos : — falla o echo :
O echo me diz : — amor !

Essa a quem eu tanto amo
 Tornou-se ingrata, perjura,
 E falta a sagrada jura
 Para ser hoje infiel.
 Escutemos : — falla o echo ;
 O echo me diz : — fiel !

Fiel ! Ah ! Ella me engana,
 Me menos preza e maltrata ;
 É perjura, falsa, ingrata ;
 E hei de ama-la sendo assim ?
 Escutemos : — falla o echo
 O echo me diz que : — sim

NICTHEROY

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUSA SILVA

PARTIDA

Eis ahi o signal!... Bate a hora.
 E o momento chegou da partida!
 Mas não chores, oh ! alma querida,
 Que esses prantos augmentam-me a dôr !

Oh ! adeus, Nictheroy, para sempre !
Oh ! adeus, linda terra do amor !

Antes nunca, oh ! meu anjo eu te visse.
 Antes nunca, oh ! meu anjo eu te amasse,
 Nem jan.ais a vencer me chegasse
 Teu olhar divinal, seductor !

Oh ! adeus, etc.

Eu te deixo, oh ! meu anjo celeste !
 Eu te deixo, oh ! gentil formozura !
 Inganosa sorriu-me a ventura,
 E fugiu-me qual sonho traidor !

Oh ! adeus, etc.

VOLTA

Ah ! p'ra sempre se esqueça essa hora
 Que obrigou-me a tyranna partida !
 A meus braços vêm, alma querida,
 Vem a chamma apagar-me da dôr !

*Nictheroy, a ti volto p'ra sempre !
 Eu saúdo-te, oh terra do amor !*

Não voltára si nunca te visse,
 Não voltára si nunca te amasse,
 Si a viver e meu peito chegasse
 Sem um riso de ti, seductor !

Nictheroy, a ti etc.

Eis-me aqui, oh meu anjo celeste,
 Eis-me aqui, oh gentil formozura,
 Pois de novo surri-me a ventura
 Mais fagueira que um sonho traidor !

Nictheroy, a ti etc.

MYSTERIO

Ella chorava sósinha
Lagrimas d'intensa dôr,
E chorando era tão bella
Como um anjo do Senhor.

Terrivel dôr traspassava-lhe
Bem profundo o coração,
Mas seus labios não soltavão
Um grito de maldição.

Atravez de mil torturas
Do mais agro padecer,
Só lhe ouvi bradar—ó morte,
Vem dar fim ao meu soffrer.

Desditosa ! que tormento
Lhe rasgava a coração !
Quanto custa ver á esperança
Desfolhada uma illusão !

TRAVESSA E VOLUVEL.

POESIA DE EUSTAQUIO P. DA COSTA.

Ella é alva, como é alvo
Fragrante e bello jasmim,
Ella é branda, como é brando
Macio e fino setim.

Ella é pura como é puro
Do lírio o suave odor ;
Mas é travessa e volúvel,
Qual travesso beija-flor.

Sua face é tão corada,
Como a pet'la de uma rosa ;
Seu collo esbelto e faceiro
Como a palmeira garbosa.

N'um volver dos olhos languidos
Dardeja raios de amor,
Mas é travessa e volúvel,
Qual travesso beija-flor.

Sua voz é tão sonora,
Qual do deserto a torrente ;
Seu riso é raio da aurora,
Quando assoma refulgente.

Seus labios vertem perfumes,
Quando me fallão de amor :
Mas é travessa e volúvel,
Qual travesso beija-flor.

Tem de ouro os lindos cabellos.
Os labios seus de carmim ;
Da barboleta a inconstancia,
E os risos de um cherubim.

Seus olhos meigos, brilhantes
Têm do céu a linda côr;
Mas é travessa e volúvel
Qual travesso beija-flor.

De todos quer ser querida,
A todos quer captivar;
Por isso a ninguém se prende,
Como a criança a brincar.

A todo sorri lagueira,
A todo protesta amor;
Pois é travessa e volúvel,
Qual travesso beija-flor.

MEUS AMORES

POESIA DE MARQUES RODRIGUES

E' morena a côr do jambo,
E' vermelha a côr de rosa,
Lindas são ambas as côres;
Mas a tez dos meus amores
E' mais linda, é mais mimosa!

A' noite que de perfumes
Não recende a canelleira,
As folhas, o fructo, as flores!
Que importa? — nos meus amores
Fragancia ha mais verdadeira!

Ao luar, em alta noite,
Os sons da flauta me inspira.
Muito bem. Desses primores
Tambem mostra meus amores :
Minh'alma ouvindo-a delira !

Do ábio o mel é gostoso,
O ananaz a mais não ser :
Mas a par desses sabores
Os labios dos meus amores
Farão a vida esquecer !

Ai, vida da minha vida,
Se me chegar aos teus braços
Morrerei ... e meus ardores
Morrerão por ti, amores,
Em freneticos abraços !

ESPERO A NOITE

Em vão, ó bella,
Com grato alvor,
Mostre-se o dia
Qu'encanta amor ;
Passando um dia
Sem ter prazer,
Espero a noite
Para te ver.

A aurora vai-se
N'um sol formoso, —
Azul descobre-se
Um céo mimosa ;
Em ti pensando,
Sem gosto ter ;
Espero a noite
Para te ver.

Esse momento
Tão suspirado,
Vem dar allivio
A um desgraçado.
Se longo o dia
Sinto correr,
Espero a noite
Para te ver.

Recebe ó bella
De um trovador,
Canções mimosas
Cheias de amor.
Passando o dia
Sem gosto ter,
Espero a noite
Para te ver.

UM MYSTERIO

POESIA DE ALBANO CORDEIRO, MUSICA
DE RAPHAEL MACHADO.

Em noite medonha,
Que os raios cruzavão,
E os ventos lutavão
Com ondas do mar ;
 Meu peito saudozo
 C'um rosto formozo
 Buscava a sonhar.

A lua tranquilla,
Das ondas se erguendo,
E os raios detendo
C'um meigo volver ;
 Calmou da tormenta
 A furia cruenta,
 Mas fez-me gemer.

Senti na bonança
Cruel desventura,
Provei a amargura,
Que amor recordei ;
 Mas foi por aquella,
 Que out'ora tão bella
 Gostoso adorei.

A lua piedosa,
A face cobrindo,
Ao céo foi subindo
Com dôce langôr
E o céo puro e santo
Juntou-se a meu pranto,
Calmou minha dôr.

ERA OUTR'ORA A MINHA VIDA.

Era outr'ora minha vida
Vida inteira qu'eu gosava ;
Era o fresco albor da aurora
Que no horisonte despontava.
Minha vida hoje se aparta
Da verêda da paixão,
Que nos mostra um só abysmo,
Que nos queima qual vulcão.

Que vida gosa quem vive
Sem ser de amor dominado !
E' feliz por que não traz
Alma e peito apaixonado
Vive então como no céo
Os anjos juntos a Deos,
Quem não soffre como eu soffro
Os tristes gemidos seus.

Como gemidos que sahem
De dentro do peito meu,
Como um triste que não acha
Linitivo ao pranto seu;
Perde a rosa o seu alento,
Tambem perde o seu candor,
Das flores a mais querida,
Que se dá ao terno amor.

Qual Veneza que se banha
No Adriatico gentil,
E' cidade da montanha
E' princeza do Brazil.
Vinde, ó meu Deos, dar allivio
Ao meu triste coração,
O teu sim—a minha vida
A minha morte o teu—não.

ERA UM ANJO

POESIA DE E. VILLAS BOAS, MUSICA
DE ALMEIDA CUNHA.

Era um anjo, um anjo lindo
A filha que Deos me deu;
P'ra me dar um goso infindo
Foi que ao mundo ella desceu.
Tão graciosa, tão bella.
Era no gesto e brincar;
Que na graça a mais singela.
Ella sabia encantar.

Mas a filha extremecida
 Mais linda que Deos me deu;
 A minha Isabel querida,
 Fechou seus olhos, morreu :
 Morreu, ai, dôr ! mas tão bella
 Ficou da morte entre o véo;
 Que a sua graça singela,
 Deve ser hoje do céu.

Foi-lhe esta morte um descanso
 Fôra-lhe a vida um penar,
 Hoje dorme no remanso
 Que só Deos lhe pôde dar.
 Levou do mundo a innocencia
 Tão pura, qual Deos lh'a deu :
 Dos anjos tinha a essencia
 Fechou seus olhos—morreu !

O ESPECTRO

Espectro horrivel que surges
 Junto a minha cabeceira,
 Tua voz brada meu crime
 Tenho horror desta caveira.

*Com esse punhal
 Que abertas convulso,
 Eu fiz este sangue
 Que tinge-me o pulso.*

Fóge, espectro, que és tormento
 Que o do inferno inda mais forte.
 Sobre meu rosto vivo
 Sinto teu bafô de morte.

*Com esse punhal
 Que apertas convulso,
 Eu fiz este sangue
 Que tinge o meu pulso,*

Ergue o braço e o teu punhal
 Fundo enterra no men peito,
 Ai! mais forte, espectro, calca,
 Tinge de sangue o men leito.

*Com esse punhal
 Que apertas tão forte,
 Se a morte ti dei
 De ti quero a morte.*

CONTINUAÇÃO DE LAURINDO REBELLO

Sumio-se, mas inda escuta
 Seus gemidos, que afflicção!
 E esta mancha de sangue
 Não se apaga, oh! maldição!

Espectro, descança,
 Que ao triste homicida,
 As dôres do inferno
 Começão na vida.

Eil-o alli com o mesmo ferro,
Oh ! que terror ! que tortura !
Cavando junto a meu leito,
Para abrir-me a sepultura.

Espectro, piedade,
Não caves assim . . .
Eu dei-te um só golpe
Tu mil sobre mim.

A ESPERANÇA

Esperança lisongeira
Que alentas meu coração,
Dize quando terá fim
Minha dôr, minha afflicção.

*Apressa o doce momento
Da minha felicidade,
Malta o susto que me assalta
Extingue a minha saudade.*

Esperança és meu alivio,
E's minha consolação,
Sinto-me arrancar a vida
Nesta dôr, nesta afflicção.

Apressa, etc.

OS SEUS OLHOS

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Esses teus olhos, Marilia,
Não sei que attractivos têm !
Quem quer que seja em te vendo
Por força ha de querer bem.

*E até pede o coração
Que não queira a mais ninguém !*

Ninguém vive sem amar ;
E, se ha no mundo alguém,
Que venha ver os teus olhos ;
Quero ver se não quer bem !

E até pede, etc.

Os olhos d'outras só lembrão
Cousas que não vão, nem vêm ;
Os teus entendem co'a gente,
E mandão querer-te bem.

E até pede, etc.

EU SINTO ANGUSTIAS

Eu sinto angustias
Me soffocar,
Não ha remedio
Senão chorar.

Eia, choremos,
Comece o canto,
Tambem cantando
Se verte o pranto.

O canto ás vezes
E' brisa d'alma,
Que o mal consola
E a dôr acalma.

E cada letra
Que o canto diz,
Um — ai — repete
Do infeliz !

O canto é préce
Que vòa a Deos,
Se um triste canta
Os males seus...

E livre o canto
No ar s'isola,
O céu penetra
E Deos consola.

Depois que a ingrata
Ferio-rre tanto,
Que de mim fôra
Sem este canto...

Talvez que as chagas
Fossem mortaes,
Se as não curasse
Com estes — ais.

A ESPERANÇA

POESIA DE ANTONIO JOSÉ.

E' tal a esperança
N'un peito amoroso,
Que o bem duvidoso
Alentos lhe dá.

Se em duvida o gosto
Suspende o gemido ;
Um bem possuido
Que gloria será !

É TÃO FORMOSA !

E' tão formosa
Marilia bella
Que de continuo
Morro por ella.

Apenas vi
O seu semblante,
Feriu-me a setta
No mesmo instante.

E' como a rosa
Inda em botão,
Que prende sempre
Meu coração.

O céu permitta
Por piedade,
Que seja firme
Nossa amisade.

O seu olhar
Tão expressivo,
Que preso eu delle
Não sei se vivo.

Permitta o céu,
Por compaixão,
Que seja meu
Seu coração.

Se me concede
Um terno beijo,
Dos céos. da terra.
Nada desejo.

No seu semblante
De nivea côr,
Diviso abertas
Rosas de amor.

Se por acaso
Sorrir-me a bella,
Um céo diviso
No riso della.

Suspira a bella
Quando enlanguece,
Seus olhos volve
Ai desfallece.

EU AMAVA TERNAMENTE

Eu amava ternamente
Um aujo que o céo creou,
Esse aujo era tão bello
Que minha vida alentou.

Mas a sorte que persegue
O meu triste coração,
Fez que ella desprezasse
Minha ternura e paixão.

Infeliz que só vivia
Enlevada nesse amor,
Illudido canta, céde
Quanto lhe pède o traidor.

Depois que seu engano
Começou a conhecer,
Coitadinha, desgraçada,
Succumbio ao padecer.

EU AMO AS FLORES

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA, MUSICA
DE M. A. DE SOUZA QUEIROZ.

Eu amo as flores
Que mudamente
Paixões explição
Que o peita sente.

Amo a saudade,
O amor perfeito,
Mas o suspiro
Trago no peito.

A forma esbelta
Termina em ponta
Como uma lança
Que ao céo remonta.

Assim minh'alma,
Suspiros géras
Que ferir pôdem
A's mesmas féras.

O SONHO

Eu sonhei que nos meus braços
Docemente eu te apertava,
Que em teus labios minha vida
Inteira se evaporava.

*Oh! que prazer tão celeste
Não tive nesse sonhar!
Se tal sonho fosse eterno
Quisera nunca acordar,*

Antes fôra um sonho a vida,
Eu seria então prazer,
Pois acordado só vivo
N'um continuo padecer.

Oh! que prazer, etc.

DESPEITO

Eu também sonhei venturas.
Eu também tive illusão,
Amôres dentro do peito,
Prazeres no coração.
Mas hoje apenas me resta
Tristes ais soltos em vão.

Na rocha da desventura
Minha illusão se findou,
Quanto amei, hoje detesto,
A mulher que me enganou.
Deteste a vida que ella
Para sempre envenenou.

Viva embora feliz
Essa mulher que adorei,
Seja-lhe o canto do mundo
O amor que lhe jurei.
Seja-lhe só a lembrança
Os beijos que nella dei

Do inferno mão abrasada,
Mil insultos violentos
Imprimão n'aquelles faces,
N'aquelles labios cruentos.
Que cuspidos — não beijados
Não farião meus tormentos.

EU TE AMO!

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA SILVA, MUSICA
DE F. DE NORONHA

Eu te amo!—A tua imagem
Me acompanha a todo o instante
Dize, si teu peito amante
Tambem me vota affecção?
Attende-me, oh! bella Armia,
Responde-me: sim ou não!

Oh! de minha triste vida
Grato nuncio de bonança,
Tu és minha esperança.
Serás a consolação!
Attende-me. oh! bella Armia,
Consulta o teu coração!

Tudo, tudo o que possuo
Eis a teus pés deposito.
Si acceitas, eu não hesito
Em te offertar minha mão.
Attende-me oh! bella Armia!
Oh! não me digas que não

EU VI TEU ROSTO

Eu vi teu rosto
Que indicava,
Seres sensível
A quem te amava.

Logo em te amar
Então pensei,
E fido amor
Te consagrei.

Quando a minh'alma
Em ti pensava
Em mil delicias
Se mergulhava ;

Agora vejo
Que a natureza
Não te deu mais
Do que belleza.

Nestes teus labios
D'alma ternura,
Vi no teu riso
Rir-me a ventura.

Quando enganei-me
Que o riso então,
Da falsidade
Era expressão.

A mão tomei-te
Corou-se o péjo,
Voltas-te a face
Furtei-te um beijo ;

O doce nectar
Que então bebi,
Que era veneno
Depois senti !

Mágica rosa,
Nos meus carinhos,
Só vi-te as côres
Nunca os espinhos.

Forma e perfumes
Foi illusão,
Trago os espinhos
No coração.

Mesmo na terra
Julguei en vêl-a,
Astro divino
A minha estrella.

Fallaz no brilho
Na claridade.
Marcava um ponto
De tempestade.

N'um olhar vivo
 Relampejante,
 O céu mostrou-me
 Por um instante.

A visão teve
 Cruel desmaio,
 Foi-se o lampêjo
 Feriu-me o raio.

EU VIVO, MAS OH! NÃO VIVO

Eu vivo, mas oh! não vivo
 Com quem quizerá viver,
 Vivo, só, vivo pensando
 Vivo sempre a padecer!

*A morrer vivo
 Por não poder
 Com quem desejo
 Junto viver.*

Meu Deus, se viver não heide
 Com quem quizerá viver,
 Matai-me por piedade
 Que assim só vivo a morrer !

A morrer, etc.

A ILLUSÃO

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA, MUSICA
RAFAEL MACHADO.

Feliz tempo dos meus primeiros annos!
Em qu'eu cuidava que a maior ventura
Era ser conhecido entre os humanos

Como um filho amado
Da madre natureza
Por Deos animado
De excelso talento
Da diva poesia,
A cujo alto accento
O mundo abalado,
Seguindo a harmonia,

Reconhece que tem targe a lyra
É um anjo entre os homens disfarçado,
Cuja augusta missão só Deos inspira.

Feliz tempo em que o sol se me autolhava
Como um astro sem mancha coruscante
Luz eterna que nunca se eclipsava!

Eu nelle só via
Um carro radiante
Onde Deos vivia,
E sempre girando
Sem outro destino
De ir tudo aclarando
De um fogo divino.

Tal eu cuidava ser do genio a sorte;
Então nodoas no sol não descobria;
Hoje sei que sujeito é tudo á morte.

Tudo o que existe, tudo o que respira
 Tem principio e tem fim. Murcham as flores,
 A luz se apaga, o universo expira.

Que vale a belleza,
 Que valem amores,
 Se em nada ha firmeza?
 De que serve a gloria
 Ganhada n'uma hora,
 Se é tão transitoria?
 Renome e grandeza,
 Tudo se evapora!

Mas contra as leis de Deos não murmuremos;
 Imitemos, meu bem, a natureza,
 E as aventuras de amor juntos gozemos.

FOI EM MANHÃ D'ESTIO

POESIA DE LAURINDO RABELLO, MUSICA DE
 JOÃO CUNHA

Foi em manhã de estio
 D'um prado entre os verdores,
 Que vi os meus amores
 Sosinho a cogitar.

Cheguei-me a ella
 Tremeu de pejo,
 Furtei-lhe um beijo
 Pôz-se a chorar.

Erão-lhe aquellas lagrimas
 Na face nacarada,
 Per'las da madrugada
 Nas rozas da manhã

Sanctificada
 N'aquelle instante,
 Não era amante,
 Era uma irmã.

Curvados os joelhos
 Os braços lhe estendia,
 Nos olhos me luzia
 Meu innocente amôr.

Assoma a virgem,
 Duce-se quebranto,
 Secca-se o pranto,
 Cresce o rubor.

FOI CRUEL O MEU DESTINO

Foi cruel o meu destino,
 Foi sonho a minha ventura,
 Nada prende aquella ingrata
 Só me resta a sepultura.

*Passo meus dias
 Cheios de dôr,
 Sem que os alente
 Risos de amor.*

Já fui amante mui terno
Já querido com ternura,
Hoje só tenho desprezos
Só momentos de amargura ;

Passo, etc.

Por ver negra ingratição
Acabar minha ventura,
Só espero o fatal golpe
Que me arroje á sepultura :

Passo, etc.

FLOR GENTIL

PÓESIA DO DR. GOMES DE SOUZA, MUSICA
DE A. L. DE MOURA

Flor gentil que derramaste
A tua suave essencia
Pelo jardim da existencia
Meus dias embalsamando ;
 Como foste, assim, tão cedo,
 Flor gentil, te desfolhando ?

Eu amei-te como a rôla
Ania do bosque a espeçura,
Mas a amorosa ternara
Do meu peito não quizeste,
 Do meu amor os extremos
 Comprender não soubeste.

Hoje miseranda imagem
Do proscripto cherubim
Quem ha de querer-te assim
Do céo cahido ao inferno?
 Só eu choro, desgraçada,
 O teu infortunio eterno.

Pobre myrrado esqueleto
Da florzinha que amei tanto,
C'o orvalho de meu pranto
Por compaixão vou regar-te.
 Do meu amor é só esta
 A prova que posso dar-te.

FOI POR MIM, FOI PELA SORTE

Foi por mim, foi pela sorte
Minha desgraça tecida,
Sou, ó céos! bem desgraçado;
Nem morro, nem tenho vida.

Por não ter um desengano
Da minha Marcia querida,
Vivo em continua afflicção,
Nem morro, nem tenho vida.

Do ciúme abrazador
Vive est'alma combatida,
Nesta luta desastrosa,
Nem morro, nem tenho vida.

Só da fêra desventura
E' minh'alma perseguida.
Ah! mentio-me o duro fado,
Nem morro, nem tenho vida.

AI DE MIM

POESIA DE INNOCENCIO REGO, MUSICA DE JOSÉ ALVES

Gemendo em vão minha dôr,
Mil suspiros vou soltar;
Consumo assim minha vida
Triste pranto a derramar!

*Ai de mim! eis meu viver,
Suspirar até morrer.*

Aquella que eu tanto adôro
Menospreza o meu amor,
Deixa-me assim ir penando
Soffrendo cruenta dôr!

Ai de mim, etc.

Victima da desventura
Soffrerei a minha sorte,
Deixarei de padecer
Quando enfim vier a morte!

Ai de mim, etc.

A UMA MOCINHA

POESIA DE J. BANDEIRA

Gentil primavera
Sorrio-te ao nascer,
E a paz, a innocencia
Te afaga o viver.

Um anjo mimoso,
Que ao mundo baixára,
Modelo d'encantos,
Assim não brilhára.

HERVA MIMOSA DO CAMPO

POÉSIA DE ESTAVÃO DE MAGALHÃES

Herva mimosa do campo
Tu és o retrato meu,
Se em breve perdes a vida
Eu sigo e destino teu.

*Eu na serie dos humanos,
Tu no reino vegetal,
Ambos soffremos o golpe
Qu'extingue o triste mortal.*

Mas na perda da existencia
Tua vida é mais ditosa,
Pois não guardas, não conservas
Terna paixão amorosa.

Eu na serie dos humanos, etc.

A minha sina é mais triste
Do que pôdes perceber,
Por um só dia de goso
Muitos annos de soffrer.

Eu na serie dos humanos. etc.

UM SO' BEIJO

POESIA DE J. P. A. PEÇANHA

Hontem, Francina, em teus labios
Um beijo a furto imprimi :
Corou-te as faces o pejo,
Nunca tão bella te vi !

Amor teu rosto exprimia ;
Teus labios mudos fallavão ;
Teus olhos, teus negros olhos,
Esses, Francina, matavão !

Na bocca, botão mimoso
De rosa que vai abrir,
Senti do céo o perfume,
Vi dos anjos o sorrir !

As engraçadas covinhas,
Que de amor guardão desejos,
'Stavão travessas pedindo,
Um após outro, mil beijos !

Mas tu, cruel, te equivocaste ;
Teve mais força o pudor :
Roubei-te a custo um só beijo
Em premio de tanto autor !

De vãos receios Francina,
Porque não rompes o véo ?
Ah! vem, ó bella, a meus braços,
Dá-me prazeres do céo !...

O ARREPENDIMENTO

POESIA E MUSICA DE ALVARENGA

Já te quiz bem,
Eu não te nego ;
Estava cego
Quando te quiz.

Se ora em teus olhos
Meus olhos ponho,
Eu me envergonho
Do mal que fiz.

A PRIMAVERA E O AMOR

POESIA DE JOSÉ PEREIRA

*Já o inverno fuge, Alcina,
Da campina. e d'alta serra
Ja não berra o Norte irado,
Neste prado gira Amor.*

Branca neve, gelo frio
Já não cobre esta collina ;
Corre a fonte critallina,
Corre ao rio bramidor.
A agradavel Primavera
Veste o campo de mil flores,
O Sol lança vivas cores,
Recupera o resplendor.

Já o inverno, etc.

A andorinha rastejando
 Na Lagoa prateada
 Com ligeir' aza apressada
 Vai tocando o seu licor :
 Pela umbrosa e verde selva
 Errar vejo o manso gado,
 Co' a charrua já curvado
 Corta a relva o agricultor.

Já o Inverno, etc.

Torna a abellia ao seu serviço,
 Zune, e beija a flor nimosa,
 Volta alegre, e cuidadosa
 Ao cortiço ô mel compor :
 Que prazeres, que receio ?
 Oíço já nestes ramiulhos
 Dos alegres passarinhos
 O gorgoeio encantador :

Já o Inverno, etc.

Vem, pastora, tu formoso,
 De jasinim uma capella,
 Vem cingir a fronte bella
 E da rosa linda flor :
 Junto a ti .. que feliz sorte!
 Ah ! Não posso a alegria
 Expressir, nem qual seria
 Meu transporte, e terno ardor.

Já o Inverno, etc.

JÁ DEI TUDO QUE TINHA

Já te dei tudo que tinha
Nada mais te posso dar,
Cessa, ó cessa o teu desprezo,
Não tens mais que desprezar

Se ficou mórna esperança
Depois de tanto esperar,
Essa mesmo terminou-se
Não tens mais que desprezar.

JUSTOS CÉOS COMO É POSSIVEL!

Justos céos como é possível
Que o doce amar seja um crime,
Se tudo quanto é vivente
Da lei de amor não s'exime?

Se é delicto ser amante,
Suspirar, morrer de dôr;
Crime é da natureza
Que ensina ter amor.

O proprio Deos do Averno
Que os condemnados opprime,
Se chegar a ver teus olhos
Da lei de amor não s'exime.

Se é delicto ser amante,
Suspirar morrer de dôr ;
Crime é da natureza
Que ensina ter amor.

JÁ PASSEI DIAS FELIZES

Já passei dias felizes,
Minha dita foi sem par :
Já gozei com Lilia bella,
Lindas noites de luar.

*A minha vida hoje é triste,
Não é vida, é um penar ;
Porém ainda eu espero
Felizes dias passar.*

Quantas vezes vi seu rosto
Tinto de brando carmim !
Os olhos seus, amorosos,
Não se volvião de mim.

A minha vida, etc.

Quantas vezes no meu collo
Docemente adormecia
Quantas vezes me fallava
De amor e de sympathia !

A minha vida, etc.

Saudades tenho do tempo
D'aquelle tempo passado !
Saudades por ter perdido
O meu anjo idolatrado.

A minha vida, etc.

JÁ NÃO EXISTE A MINHA AMANTE

(Modinha)

Jã não existe
A miuha amante,
Viver não quero
Um só instante ;

Quero acabar
A triste vida,
Pois já não vive
Minha querida.

Seu coração
Qu'eu possuia,
Existe agora
Na campa fria.

Mesmo na campa
Tributarei
O amor puro
Que lhe jurei.

Qual bella rosa
Que a foice córta
A minha amada
Existe morta.

Neste tormento,
Nesta agonia,
Vou ter com ella
Na campa fria.

O TEU JURAMENTO

POESIA E MUSICA DE S. J. DE MARENGO

Juraste ser minha,
Se eu fosse só teu,
Que todo era meu
Co'o teu coração.

Se eu sou já teu só,
Se amor o attesta ;
Que demora é esta ?
Sou teu — e então?...

ESPERANÇA

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Lá onde levou-te o fado
Para meu maior tormento,
Vão buscar-te os meus suspiros
Nas azas do pensamento.

Quando a meus ouvidos chegam
Tuas saudosas lembranças,
Reverdecem no meu peito
Quasi murchas esperanças.

AS ESTRELLAS

POESIA DE A. LIMA

Lindas, mimosas saphiras
Que o véo da noite bordais,
Dizei-me, estrellas, dizei-me,
Se é de amor que palpitaes.

Vós que sempre bemfazejas
A luz tão pura nos dais,
Não tereis lá nas alturas
Quem escute vossos ais ?

Haveis de ter só por fado
Luzir, luzir, e não mais ?
Não creio, estrellas, não creio,
Sois tão formosas!... amais.

A CONCHA E A VIRGEM

POESIA DE GONÇALVES DIAS

Linda concha que passava
Boiando por sobre o mar,
Junto a uma rocha onde estava
Triste donzella a pensar.

Perguntou-lhe : Virgem bella
Que fazes no teu schismar ?
É tu? pergunta-lhe a donzella,
Que fazes no teu vagar?

Responde a concha, formada
Por estas aguas do mar,
Sou pelas aguas levada,
Não sei onde vou parar.

Diz-lhe a virgem sentida,
Que estava triste a pensar,
Eu tambem vago na vida
Como tu vagas no mar.

Vais de uma a outra das vagas
Eu de um a outro schismar,
Tu indolente divagas,
Eu vivo triste a cantar.

Vais onde te leva a sorte,
Eu aonde me leva Deos,
Buscas a vida, eu a morte,
Buscas a terra, eu os céos.

LAUSINA, ESCUTA

Lausina, escuta
Os meus gemidos,
Que aos teus ouvidos
Querem chegar.

*Ah ! sim, traidora,
Tem dó de mim,
Tem dó d'est'alma
Que sabe amar.*

Se tu me amasses
Como eu te amo,
Tu me inflamáras
Como eu me inflamo.

Ah ! sim, etc.

Por entre o bosque
Vivo eu penando,
A' lei do fado
Abandonado.

Ah ! sim, etc.

LILIA

Lilia ! de quem julguei
Possuir o coração,
Hoje ingrata me despreza
Sem dôr e sem compaixão

Meu peito encheu-se de dôr
Minh'alma desvaneceu,
A esperança que nutria
Toda ella fenecceu.

Céos ! a quem tenho enviado
Tantas queixas, tantos ais,
Sois surdos, sois insensíveis,
Céos porque me não vingaes.

Até que um dia
O cruel fado,
Faça feliz
A um desgraçado.

LONGE DE TI !

POESIA DE VIEIRA DA SILVA

Manda em almosa
Fria estação
O Deos clemente,
A chuva ao chão.

E brilha a flôr!
Sorri-se o prado!
Quando assim fica
Todo orvalhado:

Flôr que já murcha
D' hastea pendia,
Levanta o calix
Com gallardia.

Depois que chove,
Acalma o vento;
E o mar tranquillo
Fica um momento,

Cantão as aves
Lindos cantares...
E o triste sente
Menos pezares

A natureza
Semelha então,
Lindo viçoso
Roseo botão.

Tudo, Marilia,
Tudo sorri!...
Menos quem soffre
Longe de ti.

MAR QUE OUTR'ORA

POESIA DE J. NORBERTO, MUSICA DE J. C. MONIZ

Mar que outr'ora nestas praias
Tão alegre já me viste,
Repara como hoje triste
Choro, suspiro de amor ;
Geme também nesta praia,
Sente também minha dôr.

Elle, oh ! céos ! a quem amava
De meus braços se afastando,
E ao baixel vellas soltando,
Se perdeu aos olhos meus :
E sumido no horisonte
Não ouviu o meu adeus.

Agora se busco vel-o
Branca vella me apparece,
E depois desaparece
Lá no horisonte sem fim ;
E choro, espero—não volta,
Não volta—ai triste de mim?

MARILIA, ESCUTA

Marilia, escuta
Os meus queixumes,
Não ha quem ame
Sem ter ciumes.

Marilia escuta
Meu coração,
Tem dó, tem pena
Desta aflicção.

Antes, Marilia
De algum rival,
Grava em meu peito
Duro punhal.

Porque morrendo
Por ti, sem dó,
Direi contente:
Foi minha só.

Dá-me, Marilia,
Teu coração.
Ou dá-me a morte
Com tua mão.

Que eu desgraçado
Suspiro e choro,
E delirante.
Amor te imp'oro.

MARILIA MEU DOCE BEM

Marilia meu doce bem,
 Apenas teus olhos vi ;
 Cessou a minha existencia
 Já não vivo já morri.

*Ai lé lé lé certamente
 Olhos tacs queimão a gente*

Despedem raios divinos,
 Que ateião n'alma a paixão ;
 Neste fogo é que abrazou-se
 De todo meu coração.

Ai lè lè lè, etc.

Porém se os teus olhos matão,
 Sabem dar vida tambem ;
 Por um certo requebrado
 Que tudo pôde meu bem.

Ai lé lè lè, etc.

 AMOR PÉRFEITO

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Marilia plantou n'um vaso
 Amor perfeito é mais flôres ;
 As plantas-todas morrêrão,
 Vingárão só os amores.

Cuidei que isto era um acaso ;
Depois pensando mais serio,
Pareceu-me que este caso
Envolvia algum mysterio.

Quiz perguntar-lhe, não pude,
Por isso que eu nunca a via ;
Emfim por fortuna minha
A vi em sonhos um dia.

Pedi-lhe explicações disso,
Que eu desejava saber :
Disse-me rindo:— Isso é claro,
Não tem nada que entender ! ..

MARILIA, TU E'S INGRATA

Marilia, porque não amas,
A quem tanto te idolatra ?
Tens mui forte coração,
Marilia, tu és ingrata.

Marilia abranda
Tanto rigor,
Deixa qu'eu gose
Teu doce amor.

Em todo o orbe não achas
Um'alma pura e sensata,
Que comigo não repita :
— *Marilia, tu és ingrata.*

Tu'alma não sente
O que é amor,
Por isso zombas
Da minha dôr.

Sob as lages de um jazigo
Que restos finaes recata,
Ouvi echoar um grito :
— *Marilia, tu és ingrata.*

Talvez o grito
Soltasse a dôr,
De quem morresse
Por teu amor.

O Deus de amor já não vive
Céde á dôr que tanto o mata,
Ao morrer — talvez que diga :
Marilia, — tu és ingrata.

Ah ! se amor morre
Sem commover-te,
Ah ! não, Marilia,
Não quero vêr-te.

MENINA DOS OLHOS NEGROS

POESIA DE * * MUSICA DE A. J. S. MONTEIRO

Menina dos olhos negros,
Ardo por ti de paixão :
Menina dos olhos negros
Queres tu meu coração ?

Como tu não ha na terra
Tão linda tão bella flôr ;
Menina dos olhos negros
Queres tu o meu amor ?

Da capella de um archanjo
E's luzinha desprendida,
Menina dos olhos negros
Querês tu a minha vida ?

Podes ver que elles são duas
Estrellas do firmamento :
Menina dos olhos negros
Queres tu meu pensamento.

Quero ser teu, e tu minha
Por uma doce união,
Dou-te todo o pensamento
Alma, vida e coração.

MESMO DA CAMA PODE ESCUTAR

Mesmo da cama
Póde escutar.
Esta modinha
Que vou cantar.

Não se levante
Não quero não,
Póde apanhar
Constipação.

Amo a uma bella
Que é moreninha,
E' engraçada
E' bonitinha.

Tem lindos olhos
De negra côr,
Elles exprimem
Amôr... amôr...

As suas faces
Vertem carmin,
Tem lindos dentes
Côr de marfim.

Ella é minh'alma
E' vida minha,
E' o meu Deos
A moreninha.

Ella castiga
Com sua côr,
Todo o seu talhe
Exprime amôr.

Quero contigo
Mui docemente,
Imprimir nos labios
Um beijo ardente.

Beijo de amôr.
E de amizade,
Com que suave
Faz a saudade.

MEU DESTINO E' IMMUDAVEL.

Meu destino é immudavel
Minha desgraça é constante,
Eu choro todos os dias
Eu suspiro a cada instante.

*Ah ! quanto é triste
Meu padecer,
Allivio espero
Quando morrer.*

Perdi de Lilia a belleza
 Murchou-lhe a morte o semblante,
 Por Lilia todos os dias
 Eu suspiro a cada instante.

Ah ! quanto è triste, etc.

Vem, ó morte, vem piedosa,
 Findar meu soffrer constante,
 Pois pr'a morrer como Lilia
 Eu suspiro a cada instante.

Ah ! quanto é triste, etc.

Por mais que proteste e jure
 Deixar de ser teu amante,
 E' quando, meu bem, por ti
 Eu suspiro a cada instante.

Ah ! quanto é triste, etc.

MINH'ALMA VAGUEIA INCERTA

Minh'alma vagueia incerta
 Nas trevas da ingratidão,
 Meu sangue exangue se gela
 No meu triste coração

*A estrella, amiga da infancia
 Hoje em vão busca-a no céo,
 Meu Deos, porque me abandonas,
 Oh Branca, que mal fiz eu !*

A propria flôr de meu nome
Já sem pet'las vim achar,
E a virgem, a quem tanto amei
Me condemna a morrer de pezar.

A estrella, amiga da infancia, etc.

MINHA SORTE

Minha sorte, cara Elvira,
E' tristonha, aborrecida ;
A mais cruel e pungente
De todas que ha na vida.

*Mas se me deres
Um riso teu,
Será mudavel
O fado meu.
Ai ! não, não negues,
Presta um sorriso,
Dá-me as delicias
Do Paraiso.*

Minhas faces já perderão
Sympathia, brilho e côr ;
Meus labios não têm doçura
Nem mais exprimem amor.

Mas, se etc.

Ai ! Elvira, os teus encantos,
Levão a gente a sepultura ;
E's cruel porque me negas
Um instante de ventura.

Mas se, etc.

MINHA TERRA TEM LOUREIROS

(*Parodia á canção do exílio*)

Minha terra tem loureiros
Onde canta o rouxinol,
Canta triste solitario
De manhã e ao pôr do sol.

Quem me dera ouvir de novo,
Nessa terra que eu deixei;
O canto do rouxinol,
Se o seu canto tanto amei !

Minha terra tem campinas
Que tapizam lindas flores,
Trinam lá melhor as aves,
Sabem mais cantar amores.

Quem me dera ouvir de novo
O cantar do rouxinol,
Nessa terra que amo tanto,
Se eu amei tanto o seu sol.

Nem permita Deos que eu morra
Dos annos no arrebol,
Sem que veja o sitio ameno
Em que canta o rouxinol.

Que o prazer que hoje me cerca
E' cruel — cruel hem sei.
Quero vêr esses loureiros
Que lá na patria deixei.

MINHA TERRA TEM PALMEIRAS

POESIA DE GONÇALVES DIAS, MUSICA DE VARIOS.

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá,
As aves que aqui gorgeião
Não gorgeião como lá:
Nosso céu tem mais estrellas,
Nossas varzeas tem mais flores,
Nossas flores tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em seismar sósinho á noite
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores
Que taes não encontro eu cá ;
Em scismar sósinho, á noite
Mais prazer encontro eu lá ;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Não permitta Deos qu'eu morra
Sem que volte para lá,
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá ;
Sem qu'inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

MORENA — TEUS OLHOS

POESIA DE ED. VILLAS BOAS, MUSICA DE MESQUITA

Morena, teus olhos
Têm luz scintillante,
Nos labios teus brincão
Mil beijos de amante :
Asylas as graças
No lindo semblante ;
Mas, ah ! deu-te amôr
Farpão penetrante...

Morena travessa,
D'onde é que vieste ?
Sem dó, no meu peito,
Que golpe me déste !..
Quando eu te julgava
Divina celeste ;
Assim teu escravo.
Cruel me fizeste !...

Oh linda morena
Qual raio fugaz
Por onde tu passas
Conturbas a paz...
Teu rir feiticeiro
Se amantes nil faz ;
No teu peito ha gêlo
Que a morte lhes traz :
Os homens seduzes
Por mago condão,
Depois que os captivas
Lhes foges então !...
Assim foi commigo,
Que ardo em paixão ;
Depois que fugiste
Com meu coração !

Aos astros, ás flôres,
A tudo que existe,
Pergunto, ó morena,
Pr'a onde fugiste...
Não já venturoso,

Não qual tu me viste ;
 Porque tua ausencia
 Me faz hoje triste.

Morena travêssa,
 Morena formosa,
 Esbelta, faceira,
 Querida e saudosa!
 Ah ' vem, não te occultes,
 Vem terna e aurorosa
 Esta minha vida
 Fazer venturosos !

NÃO MEREÇO A SYMPATHIA

Não mereço a sympathia
 De quem sempre idolatrei,
 Qual será o seu systema ?
Eu confesso que não sei.

Feito ludibrio
 Da ingratiidão,
 Trago opprimido
 Meu coração.

Alma pura e rosto d'anjo
 Nella juntos encontrei ;
 Como pôde ser ingrata,
Eu confesso que não sei.

Não não me 'queixo
Do seu rigor ;
Foi desventura
Do meu amor.

A MINHA LILIA MORREU

Naquellas altas montanhas
Aonde Lilia nasceu,
Ah veio o rigor do inverno
A minha Lilia morreu.

Assim como as flôres nascem
A minha Lilia nasceu,
Assim como as flôres morrem
A minha Lilia morreu.

Do monte veio um pastor
A' minha porta bateu,
Sómente dar-me a noticia
Que a minha Lilia morreu.

O céu cobriu-se de nuvens
A propria terra tremeu,
Ouvindo a triste noticia
Que a minha Lilia morreu.

Oh morte que mataste Lilia,
 Mata-me a mim que sou teu,
 Fere-me com o mesmo ferro
Com que minha Lilia morreu.

ESTA VIDA E' SEM FIRMEZA

Nasce a herva no prado,
 Dá-lhe impulso a natureza,
 Florece, murcha e s'estingue,
 — *Esta vida é sem firmeza.*

Linda rosa desabrocha,
 Ostenta gentil belleza,
 Logo após perde o perfume,
 — *Esta vida é sem firmeza.*

Nada no mundo se exime
 Desta lei a atroz fereza ;
 Tal é dos mortaes a sorte ;
 — *Esta vida é sem firmeza.*

A's delicias de um só dia,
 Succede logo a tristeza ;
 Aos prazeres seguem prantos,
 — *Esta vida é sem firmeza.*

Da infancia os sonhos dourados
 Fulguram de gentileza ;
 Tudo passa vindo a morte,
 — *Esta vida é sem firmeza.*

Alegre busco teu canto,
Em ti louvo a natureza,
Amanhã tudo se muda
— *Esta vida é sem firmeza.*

Eu parto com a saudade,
No peito levo a tristeza,
Tu ficas, para esquecer-me,
— *Esta vida é sem firmeza.*

A VIRGEM DA FONTE

POESIA DE VIEIRA DA SILVA

Nas fontes, ah! não procures,
Donzella. o retrato teu;
Nem procures em meus versos
Essa pintura do céu.

Teus olhos procura ver,
De noite no firmamento;
Nos astros terás seu bilho,
— E na noite o meu tormento.

Eu amo os olhos formosos,
Que inspirão viva paixão,
Emquanto que mudos sempre
Para nós os astros são.

Procura teu meigo riso
Na serena madrugada,
Nas flôres, e aves, em tudo!
No azul da nuvem dourada.

Eu amo tanto esse riso,
Riso de bocca formosa!
Que esmalta teus lindos labios,
Como o orvalho a flôr mimosa.

Procura a doce expressão
Do formoso rosto teu,
No grato aroma das flôres,
Na lua que vês no céo.

Eu amo o rosto gentil,
Que exprime tão vivo amor.
Amo o riso, a bocca, os olhos,
Que fallão com tanto ardor.

Nas fontes, ah! não procures,
O lindo retrato teu,
Mas procura, oh bella virgem,
No abrasado peito meu.

CORAÇÃO DE BRONZE

Nem um ai, nem um suspiro
Já te causão sensação;
A tudo és insensível,
Tens de bronze a coração.

Não te movem, ninhas lagrimas,
Nem minha terna paixão ;
São baldados meus extremos,
Tens de bronze o coração !

NESTES CARCERES TÃO CRUENTOS

Nestes carceres tão cruentos
Eu passo a vida cansada,
Com tua imagem formosa
Dentro d'alma retratada.

*Nem os grilhões me atormentão
Nem os ferros que horrorisão.
Sómente tua saudade
Os meus dias finalisão.*

E's tão formosa
Tens tal pudor,
Que a tudo encantas,
O' meu amor !

E's tu sómente
A divindade,
A quem adoro
Com lealdade.

Se assim fôres
Tão desditosa,
Como tens sido
Lilia formosa.

Até que um dia o destino
 Cansado de perseguir-me,
 Me transporte deste inferno
 Ao teu collo irei unir-me.

Nem os grilhões, etc.

E' SO' POR TI

MUSICA DE CABRAL

N'este mundo de prazeres
 Olho e vejo—tudo é galla,
 Tudo é goso, tudo festa,
 Tudo canta, tudo falla.

Só minh'alma não se acalma
 Muda e triste não sorri,
 Meu peito solta suspiros
 E', meu anjo, é só por ti!

E tu Virgem que desprezas
 Este amor, que te offereço,
 Não vês que por ti soffro
 Que por ti tanto padeço?

Como a rosa que descora,
 Como a voz da juruty,
 E' meu canto todo pranto,
 E esse pranto é só por ti!

Como a rolinha que afflicta
Chora o ninho que perdeu ;
Eu só choro esse amor santo,
Esse amor que não morreu.

E se eu choro como louco
Esse amor que não frui ;
Esse amor tão santo e puro
E', meu anjo, só por ti!

NESTE SITIO, QUANDO A NOITE

N'este sitio, quando a noite
E' da morte uma expressão,
O silencio se perturba.
Solta um ai meu coração.

*Volta suspiro a meu peito
Ou nos ares vai morrer,
Quero e a minh'alma esconder
Meu amor, minha paixão.*

Quando á noite natureza
Parece não ter acção,
Por violencia de amor
Solta um ai meu coração.

Volta suspiro, etc.

ADEUS A LYRA

N'estes troncos pendurada
Ficarás, ó minha lyra,
Tê que o vento as cordas fira
Te faça lembrar amor.

Adeus, lyra malfadada,
Consagrada a minha dor!

Leões, tigres e rochedos
Tens movido com ternura;
Mas de Lilia, sempre dura
Não moveste seu rigor;

Adeus, lyra malfadada,
Consagrada á minha dor!

Vai, ó Lilia, deste mundo
Vai viver na solidão,
Lá mesmo receberás
A minha triste canção.

Adeus, lyra malfadada,
Consumai esta paixão.

ADEUS A NICTHEROY

POESIA DE J. NORBERTO

Nictheroy.... meiga e bella e adorada
Terra, oh, terra de amor tão formosa

A alvorada lá soa saudosa...
E eu te deixo co'os encantos teus !

Terra, oh, terra de amor tão formosa
E' forçoso dizer-te um—adeus !

Praias, grutas, passeios e bosques,
Ilhas, montes, tão cheios de flores ;
Tudo, tudo já deixo ; ai que dores,
Que pezares que não são os meus !

Terra, oh, terra de amor tão formosa,
Parto ;—açoelho sentido este — adeus !

Inda longe — distante — remoto,
Não serás tu por mim olvidada ;
Na minh'alma constante gravada
Ficarás como a ideia de Deus !

Terra, oh terra de amor tão formosa,
Ha de a briza trazer-te um — adeus !

NO SEMBLANTE TENS IMPRESSAS

No semblante tens impressas
A constancia, a lealdade,
Tu és um anjo de amor,
Tens belleza e tens bondade.

Esses dotes divinaes
Deixa-me só contemplar,
Já que sou tão infeliz
Que não os posso gozar.

Tens uns olhos scintillantes
Que bem exprimem amor,
Quem os ver deixar não pôde
De adorar-te com fervor.

Volve-os, meu bem, para mim,
Suavisa o meu soffrer,
Nelle só encontra a vida
Quem sem ti só quer morrer.

A ROSA

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

No vasto reino das flôres
E's, rosa, a rainha dellas ;
E no reino dos amores
Marcia a rainha das bellas.

Em a ver, em te cheirar
Sinto um prazer lisongeiro ;
Seus mimos são tão suaves,
Como é suave o teu cheiro.

Vai, linda, mimosa flôr,
Morre ao seio de meu bem :
Quem me dêra a tua sorte !...
Morrer com ella tambem !

Porque me dizes chorando
Que te não lebras de mim,
Se os teus ais, se os teus suspiros
Me estão dizendo que sim?

Não só teus olhos me dizem
Que inda suspiras por mim ;
Meu coração, que não mente,
Me está dizendo que sim.

O RECEIO

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUSA SILVA, MUSICA DE
NORONHA

Oh! que receio
Que dôr impia,
A campã fria
Baixando vou.
E ella é tão linda,
E ella é tão bella ;
Que só por ella
Morrendo estou !

Seu alvo collo
Voluptuoso
Bate ancioso
E inspira amor :
A voz suave
Qual harmonia
Traz alegria,
Desterra a dôr.

Seus negros olhos
Me captivaram,
Pois me inflammaram
O coração:
Seus ledos risos
Quando se abriram ;
Céos me extinguiram
D'alma a afflicção.

Eu sei que ella
Assás me ama,
Pois que se inflamma
Por mim de amor ;
Sei que seu peito
Por mim suspira,
Pois ser aspira
De seu cantor.

Quero por 'tanto
A meu desejo,
Cedendo ao pejo
Pedir-lhe a mão,
Porém receio
Que ella estremeça,
Impallideça
E diga : — « Não ! — »

EU TENHO MAIS GLORIA

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA SILVA

O cabo,
Que armado
É ousado
Correu,
A duro
Conflictu
É invicto
Volveu.

Si a patria
A' inimigos
E perigos
Salvou,
Decante
Façanhas
Tamanhas
Que obrou.

Que importa
Tal gloria,
Na historia
Ganhar ?
De um louro
Virente
A frente
Adornar ?

Eu tenho
Mais gloria,
Victoria
Maior ;
Comsigo
Um desejo
N'um beijo
De amor !

OS INSTANTES QUE NOS RESTA

Os instantes que nos restão
Linda Marcia aproveitemos !
Instantes tão venturosos
Sabe o céu quando teremos.

Marcia se os nossos destinos,
Curtos dias nos protestão,
Para que desperdiçamos
Os instantes que nos restão ?

Ah ! não percamos
Minha querida,
Doces momentos
Da nossa vida.

Se a risonha primavera,
De nossos annos já vemos,
Da idade os bellos dias
Linda Marcia aproveitemos !

Vem minha bella,
Entra em meu peito,
De amôr nos una
Vinculo estreito.

Não percamos um instante,
Dos nossos dias gostosos,
Antes que a morte nos roube
Instantes tão venturosos.

Vem minha Marcia
Que o tempo corre,
N'um'ora o homem
Se nasce, morre.

A gosar tão bellos dias
Sabe Deos se tornaremos,
O prazer que temos hoje
Sabe o céo quando teremos.

Vem, une á tua
A minha sorte,
Vivamos juntos
Até a morte.

CANTEMOS UM SIM

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA, MUSICA DE RAPHAEL

MACHADO

Oh anjo que suspiras
Palavras de amor,
E abrazas o peito
De amante cantor,
Da esphera celeste
Ah vem, vem a mim

*Cantemos, oh anjo
Cantemos um sim.*

Um sim em seus labios
Ouvi murmurar.
Tão doce, tão meigo,
Qual brando vibrar
De uma harpa tocada
Por um seraphim,

Cantemos, etc.

Desde esse momento
O meu coração
Tranquillo palpita
Sem mais oppressão.
De Urania a palavra
Aos santos poz fim.

Cantemos, etc.

Oh anjo teu canto
Não pôde exprimir
O enlevo divino
Que um sim faz sentir!
Debalde te invoco :
Mas ah ! mesmo assim

Cantemos, etc.

ALEGRIA

(*Chamada*)

POESIA DE ANTONIO JOSÉ

O navegante
Que, combatido
De uma tormenta,
Logo experimenta
Quieto o vento,
Sereno o céu,
Tranquillo o mar ;

Como eu nem tanto
Se alegra vendo
Que vai crescendo
Minha ventura,
E vai cessando
De meu gemido
O suspirar.

A AUSENCIA DE ARMIA

POESIA DE ARAUJO GUIMARÃES

O campo viçoso,
De flores juncado,
Em si esmaltado
O riso trazia.
Agora despido
Sem fresca verdura,
Só pinta amargura,
Retrata a agonia.

Perguntas a causa?
Ausentou-te Armia.

O rio engrossava
Em agua abundante,
Soberbo, arrogante
Das margens sahia.
Agora em segredo
Mofino já corre,
Parece que morre
A sua alegria.

Perguntas a causa? etc.

O gado formoso
Alegre brincava,
Ligeiro buscava
A relva macia.

Agora espantado
Nos montes errando,
Tristonho balando,
Pavor desafia.

Perguntas a causa? etc.

As settas funestas
Lançava Cupido,
Nem Paphos, nem Cnido
Mais ledo o não via.
Agora encerrado
Em ermo retiro,
Saudoso suspiro
Aos ares envia.

Perguntas a causa? etc.

Zombava da sorte
Elmano ditoso,
No seio mimoso
O prazer bebia.
Agora aos suspiros
Sucedem os ais,
Em ancias fataes
Aborrece o dia.

Perguntas a causa? etc.

Ha pouco de um bem,
Que adora constante,
O bello semblante
O gosto infundiu.

Agora em tormentos
 Exalando a vida,
 A morte convidada,
 A morte tardia.

Perguntas a causa? etc.

OLHA, MARCIA...

NOCTURNO SENTIMENTAL, MUSICA DE F. DE SÁ NORONHA.

Olha, oh Marcia, aquelles campos
 De sepulchros alinhados,
 Alli dormirão bem cedo
 Os meus ossos descarnados.

*Suspende o pranto teu amor,
 Não chores, prenda querida,
 Porque a morte nos liberta
 Das desgraças desta vida.*

Qual amamos sobre a terra
 Já da vida rôto véo,
 Com o mesmo extremo se pôde
 Também amar lá no céu.

Suspende o pranto teu, etc.

(Augmento do poeta Ed. Villas-Bôas.)

Se gozamos nesta vida
 Puro amor, tão divinal ;
 Que fará quando subirmos
 A' mansão celestial !...

Suspende, etc.

Dê-se á terra o que é da terra,
O fardo immenso da dôr,
Mas noss'alma, que é eterna,
Levemos pra'o céo de amor.

Suspende, etc.

Não, não chores, cara Marcia
Despe da tristeza o véo,
Que pr'as delicias eternas
Foi que Deos formou o céo.

Suspende, etc.

OH SORTE CRUEL

Oh sorte minha cruel,
Vem meus dias terminar;
Já que Jonia por quem morro
Não me vem feliz tornar!

Só o desejo
De a gozar,
Mantem-me a vida
Neste penar!

N'um momento finda a vida
Que nasceu só para amar,
Quem a Jonia com ardor
Soube sempre idolatrar.

Vida de dores
 Sem um prazer ;
 E' mais que a morte
 Tal padecer.

Céos, oh céos, por piedade,
 Arrancai-me o coração :
 Que summo-se a minha estrella
 Nas nuvens da ingratidão.

Oh Jonia, ao menos
 Nesta agonia,
 Salva-me a estrella
 Mostra-me o dia !

OH ! MINHA BELLA

Oh! minha bella
 Prenda do céo,
 Suffoca a dôr
 Do peito meu.

Tem dô de um peito
 Apaixonado,
 Que por ti vive
 Todo abrazado.

*Vivo por ti
 A suspirar,
 Solto teu nome
 Quasi a chorar.*

Se afino a voz
Para cantar,
Teu doce nome
Me faz chorar.

Desesperado
Passeio a caso,
Por ti meu peito
Todo se abraza.

Vivo, etc.

Se busco o leito
P'ra descansar,
Nelle não posso
Allivio achar.

Desesperado
Maldigo a sorte,
Só peço o Deos
Que dê-me a morte.

Vivo, etc.

E' O MUNDO UM DESERTO

NOVA MODINHA

Para ser cantada com a musica da modinha — Mal te
vi eu te amei disse é esta —

Para mim é o mundo um deserto,
Passo a vida em continuo soffrer,

Nada vejo que possa alegrar-me
Nem cessar este meu padecer.

*Vem oh ! morte visão de meus sonhos,
Vem, não tardes feliz me tornar !
Ouve o — brado, — do triste que chora.
Vem não tardes meu pranto enxugar !*

Neste mundo não tenho um amigo
Que me possa um suspiro colher,
Neste mundo encontrei só tormentos
Que me fazem mil vezes soffrer !

Vem oh ! morte visão de meus sonhos, etc.

PARTIR, LEVANDO A LEMBRANÇA

Partir ! levando a lembrança
De que só por ti vivia ;
Partir ! sem uma esperança
Para voltar algum dia !

E tu deixas-me partir ?
Ah ! se amor por mim sentiras,
De Deos, do mundo fugiras,
Para o amante seguir !

Oh ! perdão ! isto é demencia,
E' saudade, amor e pena ;
Porque a voz da consciencia
A fugir-te me condemna.

Nunca mais te posso ver,
Nem seguir teus olhos bellos,
Nem teus formosos cabellos,
Nem por ti jámais soffrer.

Não soltarás um lamento
Quando os suspiros sentidos,
Que leva o sopro do vento
Chegarem a teus ouvidos?

Sabendo que são os meus
Não sentirás, doce amiga,
Este dever que me obriga
A dizer-te agora adeos?

Oli ! se eu fôr de ti lembrado
Volve logo os olhos bellos,
Que me verás a teu lado,
Com a boca em teus cabellos :

Cabellos que Deos creou
Para prender uma vida,
Que esta cruel despedida
Ao dever sacrificou !

Adeos ; pois, adeos, querida,
Por te amar sou desgraçado :
Fôra menos dar-te a vida
Que o fugir, tendo-te amado.

Levo morto o coração
Porque o levo sem ventura,
Morto por essa loucura
Que o mundo chama razão.

Adeos, pois, se tu pensares
 O quanto eu perco em perder-te ;
 Se algum dia te lembrares
 Que jámais posso esquecer-te ;

Olha bem tudo o qu'eu fiz,
 E se não fôres ditosa,
 Volta á minh'alma saudosa
 Vem comigo ser feliz.

A FLOR DO MARACUJA'

POESIA DE FAGUNDES VARELLA

Pelas rosas, pelos lyrios
 Pelas abelhas, sinhá,
 Pelas notas mais chorosas
 Do canto do sabiá
 Pelo calyce de angustia
Da flôr do maracujá.

Pelo jasmim, pelo goivo
 Pelo agreste manaká
 Pelas gotas do sereno
 Nas folhas do gravatá
 Pela corôa de espinhos
Da flôr do maracujá.

Pelas tranças da mãe d'agna
 Que junto da fonte está
 Pelos colibris que brincam
 Nas alvas plumas do ubá,
 Pelos gravos desenhados
Na flôr do maracujá.

Pelas azues borboletas
Que descem do Panamá,
Pelos thesouros occultos
Nas minas do Sincorá,
Pelas chagas roxeadas
Da flôr do maracujá.

Pelo mar, pelo deserto
Pelas montanhas, sinhá,
Pelas florestas immensas
Que fallam de Jehovah !
Pela lança ensanguentada
Da flôr do maracujá.

Por tudo o que o céu revela !
Por tudo o que a terra dá
Eu te juro que minha alma
De tua alma escrava está...
Guarda contigo este emblema
Da flôr do maracujá.

Não se enojem teus ouvidos
De tantas rimas em á,
Mas ouve os meus juramentos
Meus cantos ouve, sinhá !
Te peço pelos mysterios
Da flôr do maracujá.

A MINHA FLOR

Perden a flôr de meus dias
Todo o perfume de amôr,
Ramo secco pende d'astea
Já não vive a minha flôr.

O tempo que tudo muda
Não minora a minha dôa,
Já não tenho primavêra
Já não vive a minha flôr!

Só encontro nos desertos
Bafêjo consolador...
Fechai-vos jardins do mundo
Já não vive a minha flôr.

Tem o orvalho da esperança
Perdido todo o frescôr,
No coração sepultada
Já não vive a minha flôr.

Do amôr d'aquella ingrata
Tão fingido e tão traidor:
Até a flôr feneceu-me
Já não vive a minha flôr.

Só por ella tenho a vida
Entregue todá ao amor,
Já não tenho primavêra
Já não vive a minha flôr.

PESCADOR DA BARCA BELLA

POESIA DE ALMEIDA GARRET, MUSICA DE F. S. NORONHA.

Pescador da barca bella
Onde vais pescar com ella
Que é tão bella
Oh pescador !

Não vês o que a ultima estrella
No céu nublado assóz vella ?
Colhe a vella
Oh pescador !

Deita o lanço com cautela
Que a sereia canta bella ;
Mas cautela
Oh pescador !

Não s'enrede a rede nella,
Que perdido é remo e vella ;
Só de vê-la.
Oh pescador !

Pescador da barca bella
Inda é tempo foge d'ella ;
Foge della
Oh pescador.

CONSELHO PATERNAL

POESIA DO VISCONDE DA PEDRA BRANCA

Põe na virtude
Filha querida,
De tua vida
Todo o primor ;

Não dê a sorte
Que tanto illude
Sem a virtude
Algum valor.

Tudo parece
Murcha a belleza,
Foge a riqueza
Esfria o amôr ;
Mas a virtude
Zomba da sorte
E até da morte
Disfarça o horror.

Brilha a virtude
Na vida pura,
Qual na espessura
Do lyrio a côr ;
Cultiva attenta
Filha mimosa,
Sempre viçosa
Tão linda flôr.

Pastor humilde,
Monarcha ingente,
Soffre igualmente
Destino austero :
Mas, o varão
Sabio e honrado
Zomba do fado
Por mais severo.

Honrosos cargos,
Títulos, nobreza,
E' tudo preza
Da parca dura ;
Porém, não finda
Do virtuoso
O nome honroso
Na sepultura.

ESCUTA-ME !

POESIA E MUSICA DE SOUZA SILVA

Porque furtas os teus labios
Aos beijos que os meus lhes dão ?
Oh ! que inda virgem de amores,
Não conheces a paixão ;

Que se a paixão conheceras
E um só beijo meu fruiras,
Singela e linda menina,
Como então amor sentiras !...

A mão que avara me escondes
Uma vez deixa oscular ;
No gelo da indiferença
Quero meu fogo apagar !

*

Quero... mas és innocente,
Não devo ensinar-te a amar ;
Fique em paz teu coração,
Só o meu fique a penar !...

OLHOS CHOROSOS

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA, MUSICA DE RAPHAEL

MACHADO

Porque choraes tristes olhos,
Tão cansados de chorar ?
Quem vosso pranto motiva
Ah ! não os ha de enxugar.

Em vão lagrimas de sangue,
Nascidas do coração ;
Mostrassem sobre o meu rosto
A minha interna afflicção.

Suspendei, amargo pranto,
Suspendei, que a vossa dôr
Não pôde n'um peito frio
Suspitar fé e amor.

Mas se um destino de ferro
Vos obriga que choreis ;
Então chorai, tristes olhos
Até que um dia estalleis.

CONSULTA

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Porque o meu bem e o meu mal
Misturados sempre vêm?
Adoro Lilia, e não sei
Se ella é meu mal ou meu bem !

Se alguns felizes momentos
Por fortuna chego a ter,
Mil suspeitas envenenão
Os momentos de prazer.

Quiz fugir-lhe, era já tarde,
Porque logo lhe quiz bem,
Vendo expressões nos seus olhos
Que nunca vi em ninguém.

As meninas dos seus olhos
Não sei comigo o que têm !
Não me pede o coração
Senão que lhe queira bem.

Os vivos olhos da ingrata
Me têm feito enlouquecer ;
Ora dão vida, ora matão ;
Eu nunca os posso entender.

Nesta triste alternativa
Não sei o que hei de fazer :
Viver com ella?— E' pensar !
Viver sem ella?— E' morrer.

A VONTADE DE DEOS

POESIA DE LUIZ DELFINO

— Porque vou vêr das collinas
A manliã, que nos sorri?

— E se eu lá subo, meu anjo,
Acaso vou eu sem ti?

— Queres saber porque scismo?
Não sabes, mimosa flôr?

— E tu porque scismas tanto
A's horas do sol se pôr?

— Queres saber o que fazem
Meus olhos por céos além?

— E os teus que fazem? não errão
Perdidos por lá também?

— Porque suspiro abaixando
A fronte pallida ao chão?

— E tu, porque a fronte inclinas,
Porque suspiras então?

— O que procuro — alta noite —
Lá dentro nos olhos teus?

— E tu, mulher, o que queres,
O que procuras nos meus?

Que doce mysterio é este?

Eu quem sou, e tu quem és?—

— Tu... toda a luz de minha alma :—

— Eu a sombra dos teus pés,—

Eu sou a noite, que doura
Da tua estrella o fulgôr :
Eu sou o valle profundo.
Tu és a pallida flôr.

Eu sou a vaga sombria,
Que soluçando correu.
Tu és o raio perdido,
Que em suas agnas bateu !

Eu sou a arvore agreste,
Que nos rochedos brotou :
Tu és o passaro lindo,
Que nos seus ramos pousou !

Eu sou as folhas do livro,
Tu és a lenda de amor :
Eu sou o vaso; e tu virgem
Tu és o suave o-lôr !

Da vida ás margens risonhas,
A' sombra dos seus rosaes,
Em rosas estou colhendo,
Tu rosas colhendo estás !

Ai! embalemos as almas
N'um berço de amor sem fim...
Eu não quero... tu não queres...
Mas... é Deus que o quer assim !

OS CIUMES

Por outros lábios passados
 Não posso teu nome ouvir,
 De todos tenho ciumes
 Quando te vejo sorrir...

Tinha ciume das flores
 Se a teus pés as visse abrir.

Aborreço os olhos todos
 Que ousão-te o rosto mirar,
 Aborreço a branda aragem
 Que veni-te os lábios beijar :

Se é loucura ter ciumes,
 Estes meus são de matar.

Não me lances esses olhos
 Qu'eu já não posso soffrer,
 Tenho medo de mim mesmo,
 D'este amor como eu sei ter...

Ha na vida mil tormentos
 Por momentos de prazer,

PRAZERES QUE EU NÃO SONHAVA

Prazeres que eu não sonhava
 Teu amor me fez gozar,
 Bella Armia, tu não queiras
 A minha vida acabar !

Careço de ti, meu anjo,
Careço de teu amor ;
Como uma gotta de orvalho
Carece no prado a flôr !

De teus labios na fragancia
Vi do Céu todo o doçôr ;
Goza amor—quem t' idolatra,
Porém soffre o teu rigor.

Não fujas de mim, meu anjo.
Careço do teu amor :
Como do orvalho celeste
Carece na terra a flôr.

A LUZ DE TEUS OLHOS

POESIA E MUSICA DE L. J. ALVARENGA

Qual raio de luz,
Por entre a espessura,
Vai a gruta escura
Encher de clarão ;

Tal dos teus olhos,
Apenas te vejo,
Arende um desejo
No meu coração.

QUAL RIJO NORTE SOPRANDO

Qual riço norte soprando
Quebra, esmaga terna flôr,
Assim da magoa o rigor
A minha alma vai quebrando,
Lethal veneno libando
Sucumbe ao peso da dôr :
Da vida o fraco calor
Já não me pode suster,
Vendo apagar-se e morrer
Lembranças do meu amor.

Quer de noite, quer de dia,
Quer acordado ou dormindo,
Vai-me a vida consumindo
Cruel dôr, tanta agonia ;
E como não tenho um só dia
Um ai teu, um teu favor,
Choro ingrata, e com horror
Encontro sempre a meu lado
No presente e no passado
Lembranças do meu amor.

No verdor da mocidade
Sinto a vida evaporar-se,
A minha alma aniquilar-se
Aos embates da saudade ;
Ingrata por piedade
Abranda o fero rigor,

Ah ! vê como o dissabor
O corpo me vai assolando,
A sepultura cavando
Lembranças do meu amor.

E quando o frio da morte
Gelar-me o sopro da vida,
Quando a minh'alma rendida
Vergar ao peso do córte
Na louza onde meu póрте
Descançar, e minha dôr,
Vai mulher, vai por favor
Desfolhar um roxo lyrio,
Emblema do meu martyrio,
Lembranças do meu amor.

LEMBRANÇAS DO NOSSO AMOR

Qual quebra as vagas do mar,
Carcomendo as duras fragoas,
Assim da saudade as magoas
O meu peito vêm quebrar ;
O meu destino é pensar
Ingrata, no teu rigor....
Vê que contraste de horror :
Tu na minh'alma gravaste,
Da tua mente apagaste.
Lembranças do nosso amor !

Se o sol desponta eu lamento,
Se o sol se despede eu choro;
Se a brisa passa eu imploro
Compaixão p'ra meu tormento.
Como não goso um momento
Do somno o doce favor,
Alta noite com fervor
Em ti minh'alma s'inspira
Canto ao som da minha lyra,
Lembranças do nosso amor.

Mulher, é lei do meu fado,
E' o destino em que vivo,
Depois de ficar captivo
D'um gesto, d'um teu agrado;
Siuto meu peito vergado
Ao peso do dissabor;
Vai-me fugindo o calor...
Ai que me matão, querida,
Saudades da nossa vida
Lembranças do nosso amor.

O anjo da morte pousa
Na minha fronte já fria,
Vai passeiar algum dia
Onde meu corpo repousa;
Da sepultura na lousa
Que ha de abafar minha dôr,
Por piedade e favor
Planta um goivo, uma saudade,
Signal de nossa amizade,
Lembranças do nosso amor.

AMOR

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Qual tenra planta,
Que em solo ingrato
Faltando o trato
Murcha sem flôr ;
Em frio peito,
Por mais que faça,
Inda que nasça,
Não viuga amor.

Amor não vive
Dentro em teu peito ;
Tem outro geito
Quem tem amor.
Por mais que o pintes
Com côres bellas,
Não tem aquellas,
Tem outra côr.

Senti, ao ver-te
O lindo rosto,
Mais do que gosto,
Seja o que fôr :

Não sei que seja ;
Sei que dou ais ;
Pelos signaes
Parece amor.

QUANDO A' TEUS OLHOS

Quando á teus olhos
Quebrão o languor,
E's toda graça,
E's toda amor.

Nos olhos d'outra,
Façam o que fôr,
São sim uns olhos
Mas sem amor.

E' tua boca
Mimosa flôr,
Vedão total-as
Graças de amor.

Nos labios d'outra
Posso os meus pôr,
Sem que no peito
Palpíte amor.

Se dás um gosto
Ou uma dôr,
Em um e outro
Conheço amor.

Dados por outra,
Um gosto ou dôr,
E' gosto, é gosto,
Mas não de amor.

Continuação do Dr. Laurindo

Nestes teus lábios
De rubra côr,
Quando tu ris-te
Sorri-se amor.

Nos lindos olhos,
Tens no fulgor,
Se p'ra mim olhas,
Raios de amor.

De teus cabellos
De negra côr,
Forjão cadeias
Brincando amor.

Nelles pr'a sempre
Servo ou senhor,
Viver quizera
Preso de amor.

Rosas que tingem
Fresco rubor,
Nas tuas faces
Espalha amor.

Se de minh'alma
Com todo o ardor,
Chego a beijal-as
Morro de amor.

Tua alma é pura
Celeste flôr,
Só aquecida
Por sóes de amor.

Já em ternura
Já em rigor,
Dá vida e morte
Ambas de amor.

Quando a perturba
Casto pudor,
Encolhe as azas
Tremendo amor.

Se do crime
Sente o fulgor,
Em mar de chammas
Se afoga amor.

Se me concedes
Terno favor,
Terei por lume
Sómente amor.

Porém no templo
Mandarei pôr,
O teu retrato
Em vez de amor.

QUANDO AS GLORIAS QUE GOSEI

Quando as glórias que gozei
Vou na idéa revolver,
Sinto á força da saudade
Meu triste pranto a correr.

*Os que já tive
Doces momentos,
São hoje a causa
Dos meus tormentos.*

Encantos que já não gózo
Mas que não posso esquecer,
Fazem dos meus olhos tristes
Meu triste pranto correr.

Os que já, etc.

Não sei para que amor,
Me quiz ditoso fazer...
Foi para ver de continuo
Meu triste pranto correr.

Os que já, etc.

A UMA FILHA DO SUL

POESIA DE JORGE CUSSEN

Quando baixas os teus olhos
Velludosos sobre mim,
Quando vejo-te sentida
Qual niveo lyrio sem vida

Lamentares-te, oh formosa ;
Creio ouvir fada mimosa
Fallando de seus amores,
Ou revelando-me as dôres
De seus pezares sem fim.

Quando então sereno riso,
Debil sombra de ventura,
Leda nuvem de bonança
Vem, qual limpida esperança
Sobre teus labios nacarados,
Apagar esses cuidados
Embebidos de amargura ;
Creio ver galas brilhantes
Derramadas, rutilantes,
Por um dia que fulgura.

Creio ver um céu formoso
Que se descerra fulgente
Julgo viver nova vida,
Julgo sentir incendida,
Flamma intensa m'exaltar,
E se um unico olhar
Em mim fixas innocente,
Anjo encanto de minh'alma,
Penso colher aurea palma
Que é o teu amor louco-ardente !

E nem sei porque te amo,
Nem eu sei que adoro em ti ;
Nem sei bem por que razão
Vives em meu coração ;

Porque em meus sonhos sentida,
Qual niveo lirio sem vida,
Bella — pallida te vi :
Flór ornada de poesia.
Oh, nem eu sei que magia
Te fez senhora de mi.

QUANDO CHORAS

POESIA DE DIAS DE OLIVEIRA

Quando choras—nectar santo
Tens nas palpebras divinas :
Ha soes nas perolas finas
Do teu pranto.

E eu então sinto um reccio
Que ao desejo se mistura,
De beijar a extrema alvura
Do teu seio.

Que foi o destino sabio
Em nos juntar, eu concebo,
Quando a fina essencia bebo
Do teu labio.

Eu sinto um puro consolo
Quando esta fronte descanso
No doce e molle remanso
Do teu collo.

Nem pelos ermos espaços
De voar sinto desejos,
Quando na prisão me vejo
De teus braços.

Se m'ensombra algum desgosto,
Destes que tem a existencia ;
E'-me luz—a transparencia
Do teu rosto !

Se a noite escura me some
Do firmamento as estrellas,
Busco-as nas lettras singellas
Do teu nome.

E assim na existencia calma
Que se desliza a teu lado,
Eu vivo ao calor sagrado
De tu'alma !

GEMO NA DURA PRISÃO

Quando de Analia eu reparo
A sublime perfeição,
Caio nos laços de amor ;
Gemo na dura prisão.

De Analia vencer não posso
A menor contemplação,
Cadêas, ferros arrasto ;
Gemo na dura prisão.

Se a linda Analia quizesse
Socogar meu coração ...
Mas não quer, sou desgraçado ;
Gemo na dura prisão.

QUANDO EM MEU PEITO REBENTAR-SE A FIBRA

POESIA DE ALVARES DE AZEVEDO, MUSICA DE R. COSTA

Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espirito enlaça á dôr vehemente,
Não derramem por mim em tristes palpebras
Uma só lagrima de paixão demente.

E nem desfolhem na materia impura
A flôr do vale, em que adormece o vento ;
Não quero que uma só nota de alegria
Se calle por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto o póente caminheiro,
Como as horas de um longo pesadelo,
Como se desfaz com o dobre de um sineiro.

Como um deserto de minh'alma errante,
Onde um fogo insensato a consumia ;
Só levo uma saudade d'esses tempos
Que amorosa illusão me embellecia.

Só tenho uma saudade d'essa sombra,
Que eu sentia velar nas noites minhas,
E' de ti, minha mãe, pobre coitada,
Que por minha tristeza te definhas.

De meu pai e de meus unicos amigos,
Poucos, bem poucos e que não zombavão,
Quando em noites de febre endoudecido
Minhas pallidas crenças duvidavão.

Só tu oh! mocidade sonhadora
Ao pallido poeta destas flôres,
Se viveu foi por ti, e de esperanças,
De na vida gozar de teus amores.

Se uma lagrima as palpebras me innunda
Se um suspiro no seio treme ainda,
E' pela virgem que sonhei, que nunca,
Nos labios me encostou a face linda.

Beijarei a verdade santa e nua
Verei realizar-se sonho amigo!
Oh minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céu eu vou amar contigo.

Desvanecem o meu leito solitario
Na floresta dos homens esquecida;
E á sombra de uma cruz escrevão nella:
Foi poeta, sonhou, e amou na vida.

Sombra do valle, noites das montanhas
Que minha alma cantou e amava tanto,
Protejei o meu corpo abandonado,
E no silencio derramai-lhe um canto.

Mas quando preludia ave da aurora
 E quando á meia noite, o céo repousa;
 Arvoredo do bosque, abri os ramos
 Deixae a lua pratear-me a lousa.

 NINGUEM

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA, MUSICA DE

RAPHAEL MACHADO

Quando estou co'a minha amada,
 Quer a veja passeando,
 Quer em pé, quer assentada,
 Quer sorrindo, ou quer fallando,
 Minh'alma magnetisada
 A vai sempre acompanhando.

Amago influxo
 Obediente
 Ao seu capricho
 Só pensa e sente.

*Vós que sobre a terra amais
 Mortaes ;
 Vós anjos, que amais nos céos,
 A Deus ;
 Vós, que de amor entendeis,
 Sabeis
 Si eu posso amar inda mais ?
 Si eu não posso póde-o alguém?
 Ninguem !*

Quando ella ao som do piano,
Que ao toque suave, geme,
Das harmonias o arcano
Releva na voz extreme,
Minh'alma como o oceano
Se espraia a ouvi-la e treme.

De cada nota
Que vai fugindo
Echo é minh'alma
Que a vai seguindo.

Vós, que sobre a terra, etc.

RISO E MORTE

POESIA DO DR. LAURINDO REBELLO, MUSICA DE
ALMEIDA E CUNHA

Quando eu deixar de chorar,
Quando contente me rir;
Não se enganem,— desconfiem
Que não tardo a succumbir.

Quando a alma ao infortunio
Assim ligado se tem ;
Como termo da desgraça
A morte não longe vem.

Eu vim ao mundo chorando,
E' chorar o meu viver,
Quando eu deixar de chorar
Estou prestes a morrer.

Vem oh morte,— do meu pranto
Não receis— podes vir,
Choro nos braços da vida
Nos teus braços me hei de rir.

Muitas vezes um sorriso
Que parece de ventura,
Não é mais que um riso d'alma
Vendo perto a sepultura.

O feliz ri-se na vida,
Por ver nella o seu jardim :
O desgraçado na morte,
Por ver da desgraça o fim.

DESALENTO

POESIA DE LAURINDO REBELLO

Quando eu morrer, minha morte
Não lamentos, caro amigo ;
O sepulchro é um jaziço
Onde eu devo descansar ;
A minha triste existencia
E' tão pesada, é tão dura
Que a pedra da sepultura
Já não me póde pesar.

Uma lagrima, um suspiro,
Eis quanto custa o morrer ;
Custa-nos sempre o viver
Prantos, suspiros sem fim -
Que tormento fôr a vida
Se não fosse transitoria !
Não me risques da memoria.
Porém não chores por mim.

Enchem trevas o sepulchro,
Mais ninguem delle se queixa
Quando o morto os olhos fecha ;
Não quer luz — quer descançar ;
Aquelle fundo silencio,
Aquelle extremo abandono,
Dão-lhe tão tranquillo somno,
Que não póde despertar.

Já tive medo da morte,
Agora tenho da vida ;
Sinto minha alma abatida,
Sem vigor o coração ;
Já cansado de viver,
Para a morte os olhos lanço,
Vejo nella o meu descanço,
A minha consolação.

AFFLICÇÃO

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Quando eu te vejo, me afflige
Um denso e sagrado véo,
Que encobre a meus tristes olhos
Thesouros que são do céo.

Sonhando um dia contigo
Um anjo ou Cupido eu vi,
Dizendo-me : « Estes thesouros,
Mortal, não são para ti. »

QUANDO NO TUMULO

Quando no tumulo
Dormir eu um dia,
O sonno da morte
Sob a lage fria ;
Ouvirão meu pó
Gemêr e carpir,
Se o nome da bella
Alguem proferir.

Será indelevel
A minha ternura ;
Jurei adoral-a
Té na sepultura ;
Porem, se primeiro
Morreres Armia,
Regará meu pranto
Tua louza fria.

Se guardas constancia
 Amor e fé pura ;
 Serei sempre teu
 Té na sepultura :
 Nos rogos e preces
 Na côr e gemido,
 O nome de Armia
 Será proferido.

QUANDO OS CEOS DÃO-ME EM TEUS LABIOS

Quando os céos dão-me em teus labios
 Terno riso encantador,
 Sinto quão doce é-me a vida
 N'um teu sorriso anjo de amor.

Sem ti são tristes meus dias
 Duro e penoso o viver,
 Junto a ti, preso a teus labios
 Viver quero até morrer.

Os laços com que me prendes
 Inda mais quero apertar,
 Não é crime, antes virtude
 Sempre firme te adorar.

Negra morte embora um dia
 Sobre mim seu furor larte,
 Morto, extinto, no sepulchro
 Esse peito inda ha de amar-te.

E' minha sina adorar-te
Inda que sejas perjura,
Que ao meu amor nem esmaga
A pedra da sepultura.

Póde o gêlo do sepulchro
Tirar da vida o calor,
Mas n'um peito firme, amante;
Apagar não póde amor.

QUANDO TUDO ME ABANDONA

Quando tudo me abandona
Quando vou deixar a vida
Ouve ao menos por piedade,
Minha triste despedida.

Adeos, Felina,
Tão negra sorte,
O anjo da morte
Vai terminar.
Sim, vai sumir-se
Na campa fria,
Quem só vivia
Até adorar.

O SONHO

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA, MUSICA DE RAPHAEL
MACHADO

Que bello sonho,
Eu hoje tive!
Tambem sonhando
O homem vive.

Era meu leito
O teu regaço,
Meu travesseiro
Teu lindo lindo braço.

Contra o teu peito
Tu me apertavas,
E com teus dedos
Me penteavas.

Teus lindos olhos
Que rutilavão,
Celestes chammas
Aos meus vibravão.

As nossas almas
Nesse momento,
Só se nutrião
De um pensamento.

Eu nesse arroubo
Não reflectia;
No céu pairava
No céu vivia.

Porém acórdo
Oh ! que amargura!
Foi mero sonho
Minha ventura.

Antes, sim antes,
Nunca acordasse,
Antes ou sempre
Assim sonhasse.

QUE MAIS DESEJAS ?

POESIA DE LAURINDO REBELLO, MUSICA DE J. L. DE A.
CUNHA

Que mais desejas ?
Tudo te dei ;
De tudo em troca
Nada alcancei.

Dei-te meu peito
Em pranto em ais ..
Dei-te minh'alma,
Que queres mais ?

Juraste eterna
Fidelidade,
Seguiu-se á jura
A falsidade.

Em toda a parte
Vejo rivaes...
A fé perdi-te
Não creio mais.

Se não me queres,
Se não me adoras ;
Quando me queixo
Que tens que choras ?

Ah ! não me prendas
No pranto teu ;
Não quero um pranto
Que não é meu.

Mas ah ! perdôa,
Foi illusão ..
Dos meus transportes
Tem compaixão.

Perdoa. . esquece
Tanto rigor,
Não fére a offensa
Que vem de amor !

QUE NOITE D'ENCANTO

POESIA DE SOARES DE PASSOS, MUSICA DE CARLOS
CEZAR

Que noite d'encanto
Que lucido manto
Que noite ! amo tanto
Sem mudo fulgor

Oh ! vem, oh donzella,
Não temas, oh bella,
Que á noite só véla
Quem sonha d'amor.

A luz infinita
Dos astros, crepita,
Arqueja e palpita
Serena a brilhar :
Assim o teu seio,
De casto receio,
De timido enleio,
Costuma pulsar.

A lua qual chamma,
Que os seios inflamma,
Final de quem ama,
Desponta no céo :
E a nitida fronte
Retracta na fonte,
E estende no monte
Seu candido véo.

E a fonte murmura
Por entre a verdura
E ao longe d'altura
Lá desce a gemer ;
Que sons, que folguedos !
Parece aos rochedos
Dizer mil segredos,
D'infindo prazer.

Silencio ! o trinado
Lá solta enlevado,
Das noites o amado,
Da selva o cantor :
E o hymno qu'entoa
No bosque resôa,
E ao longe revôa
Gemendo de amor.

O facho da lua
C'o a sombra fluctua,
Avança e recua
No chão do jardim ;
Nas azas da aragem,
Que agita a folhagem,
Rescende a balagem
Da rosa e jasmim.

Que noite d'encanto !
Que lucido manto !
Que noite ! amo tanto
Leu nudo fulgor ! ..
Oh ! vem, oh donzella ;
Não temas, oh bella,
Que á noite só véla
Quem sonha de amor.

ÉPOCAS DE UM CORAÇÃO

— Que suspiro tão profundo
 Exhalou teu terno peito!
 Moreninha de minh'alma,
 D'amor será elle effeito?...

Que tens, morena querida,
 Que sente teu coração?
 — Sente amor!... ardente amor...
 Sente extremosa paixão!

Sente que a amar me insinaste,
 Foste meu mestre de amor;
 Sente que de meus prazeres
 Só tu és doce motor!

Sente que em prisão suave
 Meus dias aos teus uni!
 Que já, prêsa em doces laços,
 Não posso viver sem ti...

— Que tens, moreninha bella,
 Por que choras, meus amores?...
 Por que humedece teu pranto
 De teu rosto as gratas flôres?

Por ventura em mim não tens
 Teu doce mestre de amor?
 Não me estreitas ao teu seio,
 De teus prazeres motor?

Não te adoro eternamente
Não sou teu, ó doce amada?
Acaso de nosso amor
Quebrei eu a fé jurada?

GELIA

POESIA DO DR. C. A. CORDEIRO, MUSICA
DE D. JOSÉ AMAT

Que te fuga, ó cara Gelia,
Aconselha-me a razão,
Mas despreza os seus dictames
Meu captivò coração.

Conselhos não valem
Se falla o amor,
Só elle é qu'impéra,
Só elle é senhor. (*bis*)

DESENGANO

POESIA DE ANTONIO JOSÈ

Que tremulo marres,
Que estatico morras,
Que estitico mirres,
Que marres, que morras, que mirres!

E a mim que se me dá?
Por mais que em teus males
Em ancias te estales
E em prantos te estiles,
Debalde será !

SIM, SENHOR....

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Quem ama, quem tem paixão,
Nunca diga mal de amor;
Vá vivendo de esperanças
Até que tal... sim, senhor...

Se quem não chora, não mama,
Assim é quem tem amor;
Vá vivendo, vá chorando
Até que tal... sim, senhor...

Tarde ou cedo amor premeia ;
Teime sempre quem adora,
Porque até os carvoeiros
Tambem têm a sua hora.

QUEM FOI QUE TE FEZ TÃO BELLA ?

Quem creou, terna deidade,
O céu—desse azul sem fim ;
Quem creou a immensidade

Quem te fez tão bella assim?
 Ai, quem foi, dize, donzella,
 Quem foi que te fez tão bella?

Quem creou a lua, os ares,
 O mar, estrellas e sol;
 As tintas que tingem os mares
 Ao assomar do arrebol?
 Ai, quem foi, dize, donzella,
 Quem foi que te fez tão bella?

Quem creou tantos peixinhos,
 No mar ou rio a saltar;
 Esses leves passarinhos
 C'o as azas fêndendo o ar?
 Ai, quem foi, dize donzella,
 Quem foi que te fez tão bella?

Quem fez o pégo profundo,
 Quem foi que a terra creou
 Quem do nada fez o mundo,
 Quem tantas cousas formou?
 Ai, quem foi, dize, donzella,
 Quem foi que te fez tão bella?

—Quem foi mou as maravilhas
 Vistas na terra é nos céos;
 Quem deu perfume ás baunilhas
 Quem fez tudo isso—foi Deos!
 —Ai foi elle, sim donzella,
 Foi Deos quem te fez tão bella!

A ELMIRA

POESIA E MÚSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Quem de amor se vir no laço
Não se canse em se queixar,
Por que amor mais surdo fica
Quanto mais ouve chorar.

Na amargura de meu pranto
Não me venhão consolar;
Quem vive em ferros de amor,
O seu consolo é chorar.

Não venhas, formosa Elmira,
Meu terno pranto enxugar;
Pois quem tem muita ternura
Acha prazer em chorar.

DESEJOSPOESIA DE A. J. C. LIMA, MUSICA DE
SANTA ROSA

Quem dera qu'eu fôra gentil avesinha
Que as azas abrindo pairasse no ar,
Então eu às nuvens erguera meu vôo
Quizera sereno bem longe adejar.

E junto da bella
 Que tanto adorei,
 Quizera ir sózinho
 Dizer-lhe baixinho
 O quanto eu a ameí !

Quem déra qu'eu fosse da rosa mais bella
 Botão purpurino a desabrochar,
 Colhido por ella viver em seu seio,
 De la meus effluvios quizera espalhar.

Então minha vida
 Seria invejada,
 Pois só eu teria
 De noite e de dia
 Tão linda morada.

Quem déra qu'eu fôsse fugaz mariposa
 Que a luz eu deixara bem só crepitar,
 Nas longas madeixas qu'outr'ora adorava
 Contente e mui leda quizera pouzar.

Correndo, brincando,
 Que bello viver !
 Nos lindos cabellos
 Tão negros, tão bellos,
 Quizera morrer.

Quem déra qu'eu fôra dos céos um archanjo
 Que bem junto della quizera baixar,
 Erguendo meus vôos nas azas de séda
 Quizera essa virgem comigo levar.

E bem recatado
Seu virgem pudor,
Entrava com ella
Tão joven tão bella,
No templo de amor.

Da brisa o bafejo quem d'era qu'eu fôsse.
Que o seu niveo collo pudesse beijar,
Fugira dos campos, dos montes agrestes,
Dos bosques sombrios, das praias do mar ;

E de vagarindo
Iria sorrir lhe
Meu brando bafejo
O mais doce beijo
No seio imprimir-lhe.

Mas eu não sou ave, nem rosa ou archanjo,
Não sou mariposa, nem brisa do mar.
Sou triste vivente que soffre e que geme
Que a vida contente não póde passar.

O CORAÇÃO INFELIZ

POESIA DE AUGUSTO ZALUAR

Quem sabe, Julia, o segredo
De quem soffre? quem conhece
A febre que abrasa o sangue
Do coração que padece?

Se o desgraçado não falla,
Se as suas penas não diz,
Quem sabe, Julia, o segredo
Do coração infeliz ?

Quantas vezes o horizonte
E' tão puro á luz do dia,
Mas de noite amargo pranto
Verteu a nuvem sombria !

Quem sabe, Julia, o segredo
De quem é triste e devora
Nas chammas do proprio seio
Ai as lagrimas que chora ?

O segredo é mais que a vida,
E' perfume d'alma — é flôr !
Quem ha de quebrar a encanto
Do coração, meu amôr ? !

Ninguém pergunte o segredo
De quem padece e não diz ;
Oh ! ninguém, que lhe lacera
O coração infeliz !

RETÊM NOS LABIOS INGRATOS

POESIA DE PEREIRA E SOUZA, MUSICA DE RAPHAEL
MACHADO

Retêm nos labios ingratos,
Retêm tanta crueldade ;
Em ti perdôo a mentira,
Em ti detesto verdade !

Essa verdade
Póde matar,
Essa mentira
Póde animar.

Se desprezas meu amor
Não digas por piedade,
Cala no peito o que sentes
Em ti detesto a verdade.

Esse silencio
Póde animar,
Essa verdade
Me vai matar.

ROUBASTE, TYRANNA PARCA

Roubaste, tyranna parca,
Minha mãe, meu doce amor :
Céus ! piedade, dá-me a morte
Tirai-me a cruenta dôr.

Do que me serve esta vida
Neste mundo de amargura?
Se essa mãe qu'eu tanto amava
Tambem jaz na sepultura.

Si nesta vida
Tudo é tristeza,
Sem a materna
Doce ventura ;

Céus piedade
Dá-me a doçura
Do somno eterno
Da sepultura.

ROSEAS FLORES D'ALVORADA

Róseas flôres d'alvorada,
Teus perfumes causão dôr :
Essa imagem que recordas
É meu puro e santo amor.

*Ai quem respira
Os teus odores ;
Fenece triste,
Morre de amores.*

Não póde gozar venturas
 Quem de amores soffre a afflicção,
 Não póde, affeito aos gemidos
 Ter prazer no coração.

Ai quem, etc.

Sem os sonhos de ventura
 Murchou-se a flôr do desejo;
 Que n'importão outras flôres
 Se a minha flôr eu nao vejo.

Ai quem, etc.

Deixai qu'eu viva de penas,
 Da saudade e da lembrança;
 Já que siquer me não resta
 Nem uma só—esperança,

Ai quem, etc.

ROSTO D'ANJO

Rosto d'anjo, formosa donzella,
 Que as cadeias de amer me puzestes,
 Ah! não fujas—não leves-me a vida,
 Não me roubes um bem que me destes.

*Já não póde-me u prito ser d'outra,
 Já não posso existir sem te amar;
 Só contigo entendi a existencia
 Quero á campa contigo baixár.*

São ligados os meus aos teus dias
Como o calix da folha da flôr!...
Não consistas que a flôr se desfolhe
Ah! não quebres os laços de amor.

Já não pôde meu peito, etc.

A FLOR SAUDADE

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA SILVA, MUSICA
ROSA SAUDADE

Rosa saudade
Tristonha flôr
Tu tens o nome
Da minha dôr!

E's merencoria
No jardim teu,
Qual sem Armia
O peito meu.

A briza zune
De em torno a ti?
Nao, é meu peito
Que geme aqui.

SÃO PEDAÇOS DA MINH'ALMA

São pedaços da minh'alma
Os suspiros e ais que dou,
Cabe aos pés daquelle ingrata
Qu'alma e vida me roubou.

Quão feliz eu não seria
Se estivesse onde não estou,
Onde a impia, a deshumana
A alma e vida me roubou.

A saudade — qu'eu supporto
Traz minh'alma angustiada,
Porque a morte a cruel morte
Me roubou Lilia adorada.

No delirio da saudade
Peço aos céos cheio de dôr,
Que me tire a triste vida
Que me leve ao meu amor.

SAUDADE FUGI DE MIM

Saudade, fugi de mim
Levae comvosco os pezares,
Vêde que minha Marília
Não pisa mais nestes lares.

*Foi-se o prazer,
Foi-se a ventura :
Debalde luto
Contra a amargura.*

Por accinte do destino
Que folga com meus penares,
Veio á mim, foi-se tão cedo
Não pisa mais nestes lares.

Foi-se etc.

OS ENCANTOS DE AMOR

POESIA DE ANTONIO JOSÈ

Se amor é um encanto
Que inflamma
Na chanima
Tyrannico ardor ;

De ver não me espanto
Um peito
Desfeito
A encantos de amor.

A MORTE ENFURECIDA

POESIA DE ANTONIO JOSÈ

Se a morte enfurecida
Te usurpa a doce vida,
Te irá buscar esta alma
Só para te animar.

Vem pois, amor querido,
Que o terno meu gemido
Ao teu cadaver frio
Alentos pôde dar.

RETRATO DE AMIRA

POESIA E MUSICA DE CALDAS BARBOZA

Se as bellezas, virtudes, e graças
Em versos se podem cantar e exprimir,
Vou cantar atractivos de Amira,
Venham escutar-me, que ha muito que ouvir.

*Só se pôde chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.*

Eu não digo que os louros cabellos
Aos raios de Phebo podem competir,
Que assim bellos, quaes são, não precisam
Para os seus louvores, qu'eu queira mentir.

Só se pôde, etc.

Nem direi que são duas estrellas
Os olhos d'Amira, qu'eu sempre segui,
Basta só que confesse a verdade,
Que uns olhos tão lindos jamais nunca eu vi.

Só se pôde, etc.

Pouco faço se as faces comparo
Com rosa purpurea, com branco jasmim,
Que os jasmims misturados co'as rosas
A côr animada não fazem assim.

Só se pôde, etc,

Os poetas, que pintam as bocas
Com perolas dentro, por fôra rubim,
Vejam beijos e dentes de Amira
Mais rico que tudo quanto ha para mim.

Só se pode, etc.

Eu não sei o que vejo no seio,
Quando elle respira, mover se e bulir,
É sympathico o seu movimento,
Que faz os desejos aos olhos subir.

So se pode, etc.

Não se encontro figura mais bella,
Nem corpo mais ludo, formosa e gentil,
Se me prostro a seus pés, e se os beijo,
Eu deve fazel-o mil vezes e mil.

So se pode, etc.

A TERNURA DE MEUS AIS

Seccos troncos duras penhas
Que em silencio me escutais,
Parece que estais sentindo
A ternura de meus ais.

De sensiveis os teus olhos
São os mais ternos signaes,
Pois repetem com ternura
A ternura de meus ais.

Antes quero ver meu peito
Passado de mil punhaes!
Do que ver escarnecido
A ternura de meus ais.

Sentem troncos, sentem penhas,
Sentem fêres animaes,
Só tu Marilia não sentes
A ternura de meus ais.

Justos céos em negra sombra
Mens queixumes escutais,
Talvez que vos entereção
A ternura de meus ais.

Faz cruel si é teu gosto
Dictosos os meus rivaes,
Dará mais gloria ao exemplo
A ternura de meus ais.

Se o céu te quizer punir
Dos teus crimes capitaes,
Póde ser que abrande o céu
A ternura de meus ais.

Se o amor com o amor se paga
Anda vem não tardes mais,
Vem pagar com bem ternura
A ternura de meus ais.

SE DISFARÇO QUANTO SINTO

(Modinha sentimental).

Se disfarço quanto sinto
O teu cruel proceder ;
E' justo que tu conheças
Quanto me custa o soffrer.

N'alma se accende
Ódio e vingança
Torna-se amarga
Minha esperança.

N'esta afflicção
Nem mesmo amor,
Dá lenitivo
A' minha dôr!

Mas se conheces
O que é paixão
Não mais afflijas
Meu coração.

Fôste perjura
Fôste cruel ;
Quebraste a jura
Fôste infiel!

CONTENTAMENTO

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Se é de uma alma generosa
 Amar sem nada esperar,
 Sem nutrir-me de esperanças
So me contente em te amar

Quem ama com ambição,
 Nada o pôde contentar;
 Eu que só amo por gosto,
Só me contento em te amar.

SE ÉS ANJO NO GESTO E BELLEZA

MUSICA DE JOSÉ LEITE

Se és anjo no gosto e belleza,
 Tens no peito de féra o rigor...
 Ai não tem o teus féros enganos
 Já não sinto por ti terno amor.

*Desfolhaste a flôr de meus dias,
 Como o vento desfolha uma flôr!
 Não quizeste que a flôr fosse minha,
 Já não sinto por ti terno amor.*

De teus olhos n'um terno desmaio
 Vi escripto a traição e furor!
 Enganava-me a luz de teus olhos
 Já não sinto por ti terno amor.

Desfolhaste, etc.

Longos tempos julguei ser divino
 O teu porte de tanto primor
 Profanaste-o deixando tucal-o,
 Já não sinto por ti terno amor,

Desfolhaste, etc.

Finda a quadra de amores tão bella,
 Murcharás abrandando o rigor:
 Em te vendo sem graças direi:
 Já não sinto por ti terno amor.

Desfolhaste, etc.

SE EU FORA POETA

Se eu fôra poeta,
 Soubesse trovar
 Canções lá do céo
 Quizera lhe dar;

*Contanto que Ella
 Soubesse me amar!...*

Se eu fôra um pombinho
 Soubesse voar,
 Em seu lindo collo
 Quizera pousar,

Contanto, etc.

Se eu fôra um peixinho,
Soubesse nadar,
Salvára Marília,
Das ondas do mar :

Contanto, etc.

Se eu fôra dos mares
A onde pular,
Seu lindo corpinho
Quizera banhar :

Contanto, etc.

Se eu fôra dos astros
A estrella pol'ar,
Seus passos mimosos
Quizera guiar :

Contanto, etc.

Se eu fôra um grão rei,
Monarcha sem par ;
Trocava meu throno
Por um seu olhar :

Contanto, etc.

O CRAVO

POESIA DE SILVA RIO

Se eu pudesse as tuas côres
As de Lilia comparar,
Lindo cravo, eras sem preço,
Quanto te havia eu prezar !

*

O carmim de suas faces
É mais suave e mais brando,
Renova-se a todo o instante
Alento novo tomando.

Porém, como tu possues
Grato aroma que deleita,
Busca a linda, a bella Lilia,
E seus cabellos enfeita.

Entre as tranças delicadas,
Onde amor tem seu thesouro,
Ostenta tua belleza,
Esmalta seus fios de ouro.

Alli, depois de existires
Quanto tu possas durar,
Morrerás, e a mão de Lília
Teus restos vai conservar.

Já murcho, secco e sem cores
Por ella serás guardado,
Gozaras os ternos beijos
Daquella a que foste dado.

Oh quem me dera tambem
Em terna flôr me mudar,
Para no seio de Lília.
Viver contente, e espirar!...

O CIUME

POESIA DE ANTONIO JOSÈ

Selvatica fera
Da brenha mais tosca
Se encrespa, se enrosca,
Se encontra a consorte
Co'o amante rival.

Se o rustico instincto
De um bruto padece,
Desculpa merece
Uma alma abrasada
Dos zelos no mal.

DÁ-ME UM BEIJO

POESIA DO DR. LAURINDO REBELLO, MUSICA

DE ALMEIDA CUNHA

Se me adoras, se me queres,
Como dizes com ardor,
Dá-me um beijo tão sómente
Em prova de teu amor...

A paixão em que me abraço
Dilacera o peito meu...
Dá-me prazer, dá-me vida,
Dá-me, dá-me um beijo teu.

Amor anima e accende
Em chama do céo nasci las...
Dous corações n'um abraço,
Em um beijo duas vidas;

Uma vida que me falta...
A metade de meu ser,
Quero um beijo de teus labios
E depois... depois morrer!...

QUEIXAS

POESIA DO VISC. DE ARAGUAYA, MUSICA DE
RAPHAEL MACHADO

Sem doce esperança
Oh minha querida,
Amôr não é vida,
E' morte sem fim.
De amôr outros gozão.
Suaves momentos ;
Porém os tormentos
São só para mim.

Qu'importa qu'eu vejo
Teu rosto engraçado,
De um riso animado,
Ao longe brilhar ?
Se a magoa que sinto
Amôr não adoço ;
E posso, e não posso
Teus olhos beijar !

Qu'importa que eu pense
Que tu serás minha !
Quem é que adivinha
O teu coração ?
Quizera a certeza
Ter sempre a teu lado
Em laço apertado
Da tua paixão.

Suspeitas me ralam
 Na ausencia em que vivo,
 Nem ha linitivo
 A' minha agra dôr ;
 Acaso desejas
 Que em taes agonias
 Feneçam meus dias
 E extinga-se o amor ?

SE ME LEMBRO ?

POESIA DE JORGE CUSSEN

Se me lembrø? — Oh ! que não sabes
 Quanto eu'inda penso em ti,
 Nos dias em que te vi
 Tão formosa e tão garrida
 Dares-me a vida
 N'um olhar teu,
 N'um meigo riso.
 Abrir-me o céu.

Penso e sempre, e nem a morte
 Sumirá tua lembrança,
 A's vezes cuido que a esperança
 Inda meiga me aventura
 A vêr se a dura
 Sorte inconstante
 Dá-me a teu lado
 Ditoso instante.

Mas minha sorte é qual nuvem.
 Debil, frouxa e vaporosa,
 Que s'extingue, e vaporosa,
 Impellida pelo vento
 Foge, e sem tento
 Perde o fulgor,
 Qual desbotado
 Sonho de amor.

Minha sorte nos separa,
 Nosso fado o quer assim ;
 Mas ausencia não dá fim
 Ao affecto qu'inda dura,
 Que a sepultura
 Só calma e fria
 Quebrar co'a morte
 Póde algum dia.

A SER INGRATO TAMBEM

Se me virem ser ingrato
 Não se admire ninguem,
 Uma ingrata me ensinou
A ser ingrato tambem.

Quem é sincero no mundo
 Corre risco em querer bem ;
 Eu o fui— mas me ensinarão
A ser ingrato tambem.

Melhor é gostar de todas
 Não querer bem a ninguem ;
 Já que a ingrata me ensinou
A ser ingrato tambem.

Você me chama seu bem ?
 Eu não sou bem de ninguem ;
 Uma ingrata me ensinou
A ser ingrata tambem.

DESPEDIDA TRISTE

POR UM TRISTE A' SUA TRISTE

(C. Branco).

Senhora, partem tão tristes
 Meus olhos por vós, meu bem,
 Que nunca tão tristes vistes
 Outros nenhuns por ninguem !

Tão tristes e tão saudosos,
 Tão doentes da partida,
 Tão cansados, tão chorosos...
 Da morte mais desejosos,
 Cem mil vezes que da vida.

Partem tão tristes os tristes,
 Tão fóra d'esperar o bem,
 Que nunca tão tristes vistes
 Outros nenhuns por ninguem !

SE OS MEUS SUSPIROS PODESSEM

Se os meus suspiros podessem
 Aos teus ouvidos chegar,
 Verias o quanto custa
Uma ausencia supportar.

*Não é do zelo
 Nem do q. cizume,
 Nem do ciume
 Abrazador ;
 E' da saudade
 Que me atormenta
 Na triste ausencia
 Do meu amor !*

Se não te visse de perto
 Tão sensível suspirar,
 Custaria mais que a morte
Uma ausencia supportar.

Não é do zelo etc.

A AUENCIA

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA, MUSICA DE

RAPHAEL MACHADO

Se os meus suspiros voassem
 Co'os meus tristes pensamentos,
 E narrando os meus tormentos

No teu coração vibrassem :
Ficarieis commovida,
Oh ! minha Urania querida !

*Levai, oh ! céos,
Aos seus ouvidos
Meus ais saudosos
E meus gemidos.*

Ausente de ti oh ! bella,
Só tristeza me rodêa,
Não vês, a noite feia,
Sem lua, sem uma estrella ?
Assim tenho esta alma agora,
Esta alma que por ti chora.

Levai, etc.

Que de vezes passeando
Nessa horrenda soledade,
Consumido de saudade,
Adormeço em ti pensando !
Sonho então, e assim só vivo
Com esse prazer esquivo.

Levai, etc.

LEMBRANÇA DO NOSSO AMOR

RESPOSTA POR UMA SENHORA.....

Se os sentimentos de outr'ora
Inda existem no teu peito,
Desse passado desfeito
Não posso lembrar me agora
Meu coração outro adora,
Hoje não tenho-te amor :
Se é fraqueza ou se é rigor,
Perdão te peço clemente ;
Não posso guardar na mente
Lembranças do nosso amor.

Este peito não é meu,
Já o dei a outro amante ;
Porque buscas inconstante
O que não póde ser teu?
Jurei-lhe á face do céu
Amal-o com firme ardor ;
Vê o contraste de horror,
Da minha mente excluí :
E nem me resta de ti
Lembranças do nosso amor.

O tempo desfaz a mágoa,
Destróe humana grandeza ;
Da vida gloria e riqueza
Té a esperança se apaga ;
Talvez que o tempo te traga

Remedio para a tua dôr :
 Se te mereço um favor,
 S'inda me tens amizade
 Não conserves— por piedade
Lembranças do nosso amor.

Não suspires, e não chores,
 Não me magôes esta alma
 Vai amar outra e acalma
 Teu soffrer nos teus amores ;
 Quando cadaver já fôres
 Não me pédes, trovador,
 Que vá plantar uma flôr ?
 Pois ella ha de morrer,
 E nunca mais has de ter
Lembranças do nesso amor.

SEREIA ENCANTADORA

POESIA DE ANTONIO JOSÉ

Sereia encantadora
 Afaga o navegante,
 Que intrepido nadante
 Intenta triumphar ;

Repara que a belleza
 Contêm tal harmonia,
 Que em doce melodia
 Obrigã a naufragar.

EM QUE TE OFFENDI, MEU BEM?

Se te adoro e te prefiro
A tudo o que o mundo tem;
Porque me maltratas, Lilia,
Em que te offendi, meu bem!

Se aos magoados ais que exhalo
Responder não te convém,
Dize ao menos compassiva
Em que te offendi, meu bem!

Ah! Lilia, meu ser cançado
Minha vida mal sustém;
Morrerei senão declares
Em que te offendi, meu bem!

A BORBOLETA

POESIA DE A. J. DE ARAUJO

Se tu és a minha esposa,
Borboleta, bella, escura,
Eia pousa no meu peito
Não voltes a sepultura.

Agitando o ar murmuras,
Uma linguagem dos céos!...
Em torno de mim voando
Parece-me ouvir-te—adeus.—

Oh! Borboleta não fujas,
 Fica sempre aqui comigo,
 Ou então, ah! por piedade
 Também me leva contigo.

SE TU ME HOVERAS AMADO

PŒSIA DE LIMA

Se tu me houveras amado
 Com extremo de afeição,
 Escravo te houvera dado
 Alma vida e coração.

*Minha tu serias sempre,
 Tão distante viverias
 Como a sombra unida á luz
 Como a noite presa aos dias.*

Eu te amara como ama
 O moribundo o viver,
 Eu te amara como o cego
 Ama a luz até morrer.

Minha tu serias, etc.

Eu te amara como o naufrago
 Ama a sua salvação,
 Eu te amara como a rôla
 Ama o bosque, a solidão,

Minha tu serias, etc.

Eu te amara como a vida
Ama do sol o calor,
Eu te amara como a briza
Ama a tenra e casta flôr.

Minha tu serias, etc.

Eu te amara como ama
Terna mãi o filho seu,
Eu te amara qual proscripto
Ama a terra em que nasceu!

Minha tu serias, etc.

CANTO DE AMOR

POESIA DE A. LIMA, MUSICA — *Se tu me houveras
amado.*

Se tu me houveras amado
Estrella dos sonhos meus,
Ingênua copia dos anjos,
Formoso mimo dos céos:

Se me doiraras com risos
Minha tão nua existencia
Se de uma phrase te ouvira
Meiga celestes cadencia;

Se de meus ais condoida
Em doce arrobado d'amor,
Um dia ao menos disseras,
Tua serei, trovador ;

Déras a vida ao cadaver,
Ao cêgo déras o dia,
Déras a fonte ao deserto,
Déras viço a penedia.

Sempre a teus pés m' encontrara
Submisso, terno, fiel,
Sempre extrahindo p'ra dar-te
De meu seio o puro mel.

Tu serias da minh'alma
A metade em tudo irmãa,
Do meu riso ou do meu pranto
O segredo, o talisman :

Fôras nas trevas do peito
A luminosa porção,
A rosa pura e singela
Na garganta do vulcão ;

Eterno pharol d'esp'rança
Nas tormentas da existencia
Como entre os vicios do mundo
És um astro d'innocencia ;

Perenne fonte serena,
Fonte d'eterna harmonia,
Onde alvas pennas banhasse
Linda pomba, a poesia !

Idolo, fada, thesouro,
Tudo serias, meu nume,
Dentro d'alma uma florinha,
No pensamento um perfume.

E tu fôras sempre a sombra
Do pensamento singelo,
Nas cadeias que forjasse
Sempre acharias um élo.

Serias então só minha,
Preza sempre ao peito meu,
Como a folha é preza ao tronco,
Como a estrella é preza ao céu.

Eu ensinára teu nome
Às avesinhas do ar,
Ao bosque, ás flôres, ao vento,
Às bravas ondas do mar ;

E tudo então te cantara,
Estrella dos sonhos meus,
Ingenua copia dos anjos,
Formoso mimo dos céos

Eu te amara como se ama
Breve sonho de ventura,
Como entre nuvens sombrias
Se ama o astro que fulgura ;

Eu te amara como as chammas
Ama incauta a mariposa,
Como da briza a bafagem
Ama a florinha mimosa ;

Eu te amara como os bosques
O plumoso rouxinol,
Como no inverno ama o pobre
A quente vesteia do sol ;

Eu te amara como a rôla
Ama o ninho em que nasceu,
Qual viajor no deserto
Ama a fonte em que bebeu ;

Eu te amara como a onda
Ama da praia as areias,
Como a donzella dos campos
Ama innocentes choréas ;

Eu te amara como o infante
Ama o peito maternal,
Como o orvalho matutino
Ama a violeta do val ;

Eu te amara... como te amo,
Estrella dos sonhos meus,
Ingenua copia dos anjos,
Formoso mimo dos céos !

TUDO TE HEI DADO !

POESIA DE J. NOBERTO DE SOUZA SILVA

Se um beijo outorga
Prazer e vida,
Minha querida,
Sem vida estou ;

Pois n'esse beijo
A ti votado,
Tudo te hei dado,
Morrendo vou !

Mas tu bem podes
Inda salvar-me,
E um beijo dar-me
Igual ao meu ;
Vem pois, ah ! corre,
Minha querida,
Vem dar-me a vida
N'um beijo teu!

O PASSADO

POESIA E MUSICA L. J. DE ALVARENGA

Se vejo o teu rosto
Se lembro o passado,
Por bem empregado
Dou tudo o que fiz

Fiz minha vontade ;
Saibão meus rivaes
Que se eu não fiz mais
Foi porque eu não quiz

AMOR DE MÃI

MUSICA DE ELIAS LOBO

Sob as azas plumosas da rôla,
O filhinho piando se acolhe,
Como em seio de mãe carinhosa
Terno infante mil beijos recolhe.

Sabe a rôla arroubada de affecto,
O seu filho contente affagar ;
E a mãe, com extremo e enlevo,
Doce somno d'infancia embalar.

Nossa mãe é o anjo inspirado,
Que na dôr ou prazer resplandece,
Tudo acaba e destróe-se na vida
Só de mãe o amor não fenece.

Se elle chora, ella chora com elle,
Se elle ri, ella exulta tambem ;
Nossa mãe é um anjo sublime,
Outro igual este mundo não tem.

Pódeo crime manchar a existencia
D'um seu filho nos seis criado ;
A mãe terna lamenta a desgraça,
Mas não deixa seu filho isolado.

Nossa mãe é um anjo inspirado,
Que na dôr ou prazer resplandece ;
Tudo acaba e destróe-se na vida.
Só de mãe o amor não fenece.

SONHEI QUE MIL FLORES

Sonhei que mil flores
No prado colhia
Que sobre teu cóllo,
Elmana, exparzia.

Que fina grinalda
Então te offertava.
Que beijos sem conta,
Na face te dava...

Sonhei que constante
Juravas de ser-me,
Emquanto da vida
O sópro aquecer-me.

Então minha Elmana
Feliz me julgava,
Em vêr a meu lado
Aquella que amava.

Mas tanta ventura
Tornou-se illusoria
E della conservo
Apenas memoria,

Capellas e flôres,
Prados e jura ;
Foi sonho enganoso,
Foi tudo amargura !

Assim minha Elmana,
Vou triste passando,
Em sonhos sómente
Ventura gazando...

Até que inda um dia
Feliz e ditoso,
Me torne contigo
Assaz venturo !

NÃO TEM DO' DO MEU PENAR

Suspira coração triste,
Consola-te em suspirar,
Já que Lilia, por quem morro,
Não tem dó do meu penar.

Lilia ingrata tem por timbre
Meus extremos contrastar,
Quando eu choro ella sorri
Não tem, etc.

CONTINUAÇÃO DO DR. LAURINDO REBELLO

A serva ingrata querendo
Mais minha dôr augmentar,
Sorrindo bebe meu pranto,
Não tem, etc.

Para as chagas de minh'alma
Mais dolorosas tornar,
Nas chagas cospe desprezos,
Não tem, etc.

Zelando a vida que odeia,
Que deseja torturar,
Não mata sangra as feridas
Não tem, etc.

A ingrata, a fementida,
Me jurou constante amar,
Hoje entregue a meu rival
Não tem, etc.

Esse coração ingrato
Que nada póde ablar,
Petrificando meu pranto
Não tem, etc.

Das saudades que n'ausencia
Fizera amor vegetar,
Arranca d'alma as raizes
Não tem, etc.

O punhal n'alma m'enterra
E depois de apunhalar,
Conta as gotas, bebe o sangue,
Não tem, etc.

Dos olhos que fictos nella
Nunca cessão de chorar,
Sédenta péde mais prantos
Não tem, etc.

Nessas veias cujo sangue
Muito cêdo ha de esgotar,
Injecta o fel do ciume
Não tem, etc;

Com meus ais faço nos céos
De dôr os astros chorar,
Lilia tão perto de mim
Não tem, etc.

Podéra com meus suspiros
Cruentas fêras domar,
Lilia, peor do que as fêras
Não tem, etc.

Ao vêr-me continuamente
De pranto o rosto banhar,
Além de augmentar meu pranto
Não tem, etc.

A mesma morte a quem peço
Venha meus dias cortar.
Cruenta foge de mim
Não tem, etc.

Em vez de vir compassiva
Minha dôr alliviar ;
Sorrindo vê o meu pranto,
Não tem, etc.

Busco as vezes negra noite
Para meu pranto occultar,
O dia rouba-me as trévas
Não tem, etc.

De males furor insano
Sobre ti vá me vingar,
Já que tu, traidora indigna,
Não tem do' do meu pezar.

PEZARES

Tal como a nuvem
Rubra doirada
Que na alvorada
Foge e se esvae;
E' a minha alma
A mãe do pranto
Roubou-lhe o encanto
Deixou-lhe um ai.

*Por isso eu triste
Desalentado
Busco no canto,
Ser consolado.*

Amei qual louco,
Doce vertigem,
Por uma virgem
Senti !.. que amor !...
E dessa bella
Gentil criança.
Só a lembrança
Me resta, e dôr.

Por isso, etc.

Sonhos de gloria,
Se dissiparão ;
Delles ficarão
Feroz saudade ;
Fugio-me o estro !
Sim, eu não minto ;
Moço, me sinto,
Sem mocidade !

Por isso, etc.

Os meus penates....
Tudo o que amei !
Onde os deixei
Onde é que estão ?
Tudo fugio-me !..
Até o berço !...
Vejo-me immerso
Na solidão !

Por isso, etc.

UM TERNO ADEUS

POESIA DE J. J. DE S. SILVA RIO

Tal como vive
O passarinho
Longe do ninho
De seu amor

Tal teu amante
De ti ausente
No peito sente
Cruenta dôr.

Oh ! Lilia, Lilia
Da onde existes
Aceita os tristes
Suspiros meus ;
De ti distante
Vivo chorando
A ti mandando
Um terno adeos !

TEUS LINDOS OLHOS

Teus lindos olhos
Pretos formosos,
Mais luminosos
Que os astros são :

Quando se volvem
Ternos brilhantes,
Dão aos amantes
Consolação.

Boca pequena.
Virgem e grave,
Amor suave
Faz libação.

Ah ! quem me déra
Beijal-a um dia,
Então teria
Consolação.

Os alvos dentes
Da côr de neve,
Da bocca breve
Ornatos são.

Os torneados,
Braços perfeitos,
Parecem feitos
A' proporção.

Pretos cabellos
Soltos ao hombro,
Causão-me assombro,
Ao coração,

Seus pés descalços
Formão passadas ;
Flôres sagradas
Nascem do chão.

Cintura airosa
E das melhores,
Por onde amôres
Prender-nos-hão.

Por isso n'ella
Amôr, agrado,
Me tem formado
Doce illusão.

Emilia, bella,
Eu te pinteï,
Se nisto errei
Peço perdão.

Solta um sorriso
Presta soccorro
Senão eu morro
Nesta afflicção.

CONFISSÃO E DESENGANO

POESIA E MUSICA DE MESQUITA

Tu és bella, e teu rosto tão lindo
Como um astro da noite a luzir ;
São teus labios a rosa entre-abrindo
E' de um anjo teu mago sorrir.

Mas que importa que sejas um Nume,
Se és um'alma de affectos descrida ;
Uma rosa de amor sem perfume,
Uma estatua formosa sem vida ?

Teu serias de amôr minha estrellã,
Dos meus sonhos o puro ideal ;
Fôras tu, anjo meu, menos bella,
Mas teu peito mais firme e leal.

Esses cantos de outr'ora acabarão,
Para ti minha musa findou,
Teus desprezos as cordas quebrarão
Desta lyra que a ti se votou.

A UMA ROSA

POESIA E MUSICA DE L. J. DE ALVARENGA

Tu és o emblema das graças,
Do meu bem e do meu gosto:
E as vivas côres que tens
São as côres de seu rosto.

Tu afagas com teu cheiro,
Ella afaga com carinhos;
Tenho contigo e com ella
Cuidados pelos espinhos.

O QUE É AMOR ?

POESIA DO VISCONDE DE ARAGUAYA, MUSICA DE

RAPHAEL MACHADO

Tu me perguntas
O que é amôr?
Arduo problema
Me vens propôr,
Sublime thema
Para um doutor !

Mas se me dizes
O que é a dôr,
O que é frio,
O que é calor,
Dir-te-hei, oh bella,
O que é amôr.

Amôr não soffre
Difinição
Sente-se o effeito
Dessa paixão,
Que róe no peito
O coração,
Senti-lo posso,
Dize-lo não.
E' frio, é febre,
E' um vulcão ;
E' tudo a um tempo
Sem confusão.

Amôr é tudo
Por modo tal,
Que eu não sei dar-te
Um só signal ;
Para explicar-te
Seu natural
Sei que da vida
Elle é casual :
Mas tambem mata,
Tambem faz mal ;
Ora é divino,
Ora infernal.

Ora nos mostra
Na terra o céo
N'um rósto lindo
Como é o teu,
Quando dormindo
Se volve ao meu ;
Ora em noss'alma
C'um gesto seu
O inferno imbebe ;
Que mais sei eu ?
Amôr é tudo,
E' um Protheo.

Queres um meio
Para o saber ?
E' a quem te ama
Corresponder ;
A' sua chamma
Tu has de vêr
Que melhor cousa
Não póde haver.
Correspondido ;
E' tal prazer,
Que mais os anjos
Não podem ter.

O QUE É AMOR ?

POESIA DE J. NORBERTO DE SQUZA SILVA, MUSICA DE
F, NORONHA

Tu me perguntas
Candida bella,
Meiga, singella,
O que é amor?

E' desventura,
E' dita e sonho,
Fél e doçura
Prazer e dôr !

E' veuturoso
O que não ama,
Vive ditoso
Nessa isempção !

Mas só resiste
A poder tanto,
Misero triste
Sem coração !

O NÃO ME DEIXE

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA SILVA, MUSICA DE
F. NORONHA

Tu me recordas
Sensações gratas;
Tu me arrebatas

Todo de amor,
Quando te aperto
Contra o meu peito
A dôr affeito
O' linda flor.

Tu me recordas
A lisongeira
Noite ligeira
De meu prazer;
Sobre seu seio
Voluptuoso
Terno amoroso,
Te fui colher.

Ella com olhos
De sã ternura
Toda candura
Quer se expressar...
Mas emmudece
Que o não me deixe
Dei que o não deixe
Em seu fallar.

Pura, innocente
Toda formosa,
Toda odorosa,
Dura sem fim;
Recorda o peito
Em que estiveste
E recebeste
Um beijo assim.

DEIXA OS TEMORES

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA SILVA.

Tu me recusas
O que eu te peço,
Mimos de apreço
E alto primor ;
Tu me recusas
Que um beijo ardente
Na face intente
O meu amor.

Pensas acaso
Que é tudo um crime
A que se exime
Sempre a honradez ?
Pensas acaso
Que um peito puro
Torne-se impuro
Sem candidez ?

Oh ! não, que os crimes
Não hão a doçura
Nem a ventura
Que os beijos têm !
Oh ! não que os crimes
Remorsos fazem,
E jámais trazem
Remorsos cem
Deixa os temores

A torpes peitos,
Segue os preceitos
Do justo Deos ;
Deixa os temores
Que nos desune,
E os labios une
Aos labios meos.

O BEIJO VEDADO

POESIA DO DR. JOÃO CARDOSO MUSICA DE JOSÉ AMAT

Tu me vedaste,
Virgem formosa,
Beijar-te a breve
Bocca mímosa.

E' bem difficil
Bem dura a lei,
Se hei-de cumpril-a,
Meu bem não sei !

Quem nos teus labios
Um beijo imprime,
Por certo, ó virgem,
Commette um crime.

Que nesse cofre
De honestidade,
S'esconde o anjo
Da castidade.

Tocar só devem
Os labios teos,
A pedra santa
Do altar de Deos.

Ah ! sim revoga
Virgem celeste,
A lei severa
Que m'impuzeste ;

Pois como a abelha
Que n'um jardim,
Vôa do lyrio
Ao hogarim ;

Té que pousando
Na fresca rosa,
Suave nectar
Liba anciosa ;

Tal meu desejo,
Vivo, anhelante,
Perpassa as graças
Do teu semblante.

Tocar só devem
Os labios teos,
A pedra santa
Do altar de Deos.

A NOIVA DO SEPULCHRO

POESIA DE J. NORBERTO, MUSICA DE F. NORONHA

Uma cruz e branca pedra
Eis a sua sepultura,
Ah ! por minha desventura
Aqui jaz, silencio, amor :

Minhas lagrimas sómente
Denunciem minha dôr !

Infeliz ! elle saudoso
O prazo dado aguardava,
Sente passos... me julgava
Mas o fére vil traidor !

Oh ! cruel, podéste tanto ?
Como é dura a minha dôr !

Tosca cruz—pedra sagrada
Recebei meu triste pranto ;
Recebei em penhor santo
Minha dextra e meu amor.

Oh ! console este consorcio
Da saudade a minha dôr !

UM TERNO SORRISO

Um terno sorriso
De amor e saudade,
Ainda te offerta
Quem tem-te amizade.

*Que dôres, que angustias,
Que pranto exaurido !
São lagrimas tristes
Que verto sentido.*

Lá quando nos astros
O sol vem raiando,
Desperto no leito
Teu nome chamando.

Que dôres, etc.

De todo o passado
Me vem á lembrança,
Contemplo esta sorte
Me resta a esperança :

Que dôres, etc.

Meu anjo do céu
Attende á clemencia,
Ouvi minha voz,
Findae-me a existencia.

Que dôres, etc.

UNS OLHOS

Uns olhos eu vi divinos
— Erão lindos de encantar !
Como estrellas em céu puro
N'um lindo rosto a brilhar !
E de seus ardentes raios
Eu me senti abraçar !

Na minha lyra quizera
Cantal-os com todo o ardor,
Que sôbre mim produzirão
Essas pupillas d'amor.
Ai de mim ! — pr'a tal prodigio
Sou mui fraco trovador.

Para a côr que têm taes olhos
Não acho propria expressão !
Não são verdes, não são pardos,
Nem azues tambem o são ;
Nem são negros, como a noite
Que me obumbra o coração.

Nos quadros da natureza
Mil vezes tenho buscado
A côr dos olhos que eu amo ;
Mas, nada tenho encontrado
Que lhe seja á côr igual
No mar, nos céos e no prado.

Na facha tenho do Iris
— Que brilha no céu nublado
A linda côr muitas vezes
D'esses olhos procurado,
Mas em vão ;—jámais o Iris
D'essa côr se tem trajado.

A terra, os céos, o oceano,
Não tem côres como aquella
Que vê-se nos olhos seos ;
Nem jámais ardente estrella
No firmamento luzio
Tão sintillante e tão bella.

Depois que vi esses olhos
Já de mim não sou 'senhor :
De minh'alma a paz roubarão
Esses luzeiros d'amor,
Que sobre lyrios e rosas
Derramão meigo fulgor,

VAI CRUEL EM BRAÇOS D'OUTRO....

Vai cruel em braços d'outro
Augmentar o meu tormento,
Se dilicias já me déste
Forão ellas de um momento.

Vai, que esse a quem tu amas
Te fará bem desgraçada,
Desfructados teus encantos
Te verás repudiada.

Oh ! então para vingança
Verei teu pranto correr,
Mas— esquivo a teus gemidos
Só prazeres hei de ter.

E' a sorte que merece
Quem, como tu, é ingrata ;
Quem despreza sem motivos
Quem por prazer só maltrata.

SUSPIRO

Vai suspiro, afortunado,
Aos ouvidos de meu bem ;
Dize-lhe só que és mandado,
Que elle adivinhe por quem.

Se o meu bem, quando te ouvir,
Soltar um suspiro seu ;
Dize-lhe então a verdade,
Suspiro, que tu és meu.

SIM

POESIA DE J. NORBERTO DE SOUZA SILVA

MUSICA DE NORONHA

Vai-te, oh ! receio
Por um momento
Vai-te, oh ! tormento
Consumidor !
Brilhe a verdade.
Rompa-se o arcano
Fuja o engauo,
E falle o amor.

O que quer diga
O desgraçado,
O acovardado
Meu coração,
Pois tudo quanto
Hoje emprehende
Céos, só depende
De um — sim ou não !

Armia, Armia,
Alma constante,
Escuta o amante,
Que falla assim :
— Tuserás minha,
Muda-me a sorte ;
Ou dá me a morte
Ou diz-me : — sim !

A FLOR SAUDADE

POESIA DO VISCONDE DA PEDRA BRANCA

Vem cá, minha companheira,
Vem, triste, mimosa flor,
Se tens de saudades o nome,
Da saudade eu tenho dôr.

Recebe este frio beijo,
Beijo de melancolia,
Tem d'amôr toda doçura,
Mas não o ardôr d'alegria.

Onde te pegou Marília ?
Dize, onde um beijo te deu?
Mostra o logar, n'elle quero
Dar-te eu outro beijo meu.

Se Marília quer que exprimas
O que ella sente por mim,
Porque murchas ? Não me lembra
Que amôr também passa assim.

Marília em tudo te iguala,
Linda e delicada flôr,
Mas infeliz se em seu peito
Quanto duras, dura amôr !

Tu venturosa cuidavas,
Quando o meu bem te colheo,
Que morrerias em seu seio
Qual morri outr'ora eu.

Longe d'haste, em que Favonio
 la contigo brincar,
 Em vez de orvalho te sentes
 Só de lagrimas banhar.

Flôr infeliz... porém eu
 Quanto mais feliz sou !...
 Nada te disse Marilia
 Quando ella a mim te enviou ?

Ah ! se tu saber podéras
 Quanto amôr, quanta ternura !
 Se soubéras das dilicias
 Julgáras da desventura.

Mas que digo ? não me creias
 Não me vás atraçoar,
 Saudade, é crime d'amôr
 Seus mysterios divulgar

VEM DONZELLA, NA HORA EXTREMA

Vem donzella, na hora extrema
 Cinge ao meu teu coração,
 E córando em mago enleio
 Vem dizer-me um triste *adeos* ;
 Adeos rosa de innocencia,
 O' virgem dos sonhos meos.

N'um sorriso teu divino,
 Unge um raio de esperança,
 E qual astro de bonança
 A minha noite illumina ;

Adeos, lyrio de candura,
Adeos — fada peregrina.

Dá-me um só beijo... com elle
Mitíga da ausencia as dôres,
E bem como a aurora ás flôres
Me orvalha o sonho amoroso ;

Adeos, flôr — celeste virgem,
Minha fada — anjo formoso.

SAUDADE

POESIA DE ED. RIBAS, MUSICA DE F. S. NORONHA

Vem, meu anjo, qu'eu não posso
Viver n'este êrmo sem ti,
Vem, meu anjo ; se não vôas
Pensarei que te perdi.

Tu já sabes quantas mágoas
Uma saudade contém ;
Ah ! são muitas, sinto-as todas,
Vem, meu anjo, corre vem.

Aqui n'esta soledade
Cada flôr é tua imagem,
Cada murmúrio n'mi suspiro,
Cada gemido uma aragem.

Vejo em tudo a tua somhra
Mas eu chamo-te e não fallas !
Vem, meu anjo de ternura,
Qu'estas flôres te são gallas.

VEM, O' PARCA POR PIEDADE

Vem, ó Parca, por piedade
Minha existencia findar
A vida para mim é pena
Quero em ti allivio achar.

*Por compaixão
Sé pressurosa
Corta-me a vida
Que é tormentosa.*

Minha vida é um tormento
Que não póde mais findar,
Só tu, Parca, tens alivio
Pr'a o meu continuo penar.

Por, etc.

O fio da minha vida
É tão cheio de pezar,
Que pr'a mim fôra ventura
Se m'o viesse cortar.

Por, etc.

Corta-me pois, Parca amiga,
Esta existencia fatal,
Dá-me a paz, dôce socego
Do somno meu eternal.

Por, etc.

VEM, TRISTE FLOR DA SAUDADE

Vem, triste flôr da saudade,
Vem collocar-te a meu lado :

Em tua côr acha allivio
O meu pranto amargurado.

Oh ! não te negues,
O' minha flôr,
Só tu abrandas
A minha dôr !

Fui ao jardim passear
Nenhum flôr achei bella,
Só me contento de vêl-a...
Entristece-me a côr d'ella.

Oh ! não te negues,
O' minha flôr,
Só tu abrandas
A minha dôr !

Tu soffres, eu tambem soffro
Igualmente a mesma dôr
Tu te cobriste de rôxo
Eu de magoa, ó minha flôr !

Oh ! não te negues,
O' minha flôr,
Só tu abrandas
A minha dôr.

O ADEOS

POESIA DE A. J. DE ARAUJO

Vejo chegar-se o instante,
Instante dos sustos meos !
Como heide viver sem ti,
Como hei de dizer-te — *adeos* ?

Hei de em vão por toda a parte
Procurar os olhos teus!..
Ah! meu peito ha de estallar-se
Quando eu fôr dizer-te— *adeos*.
N'ausencia, entregue á saudade,
A saudade... Não, oh! céos!..
Que eu expiro quando a boca
Abrir-se a dizer-te — *adeos*.

NÃO SEI

Vêr-te ão céu e na terra,
Vêr-te acordado ou dormindo,
Vêr-te sempre em toda parte,
Sempre em tudo te sentindo,
Será por ventura amôr?
Dize tu, responde flôr!
Ouvir-te na voz da brisa,
Da vaga nos murmurios,
No rumor que ás noites fôrma
Os seus silencios sombrios
Amôr á caso será?
Responde, dize, sinhá!
Sentir-te na luz da estrella;
Das flôres no doce aroma,
No farfalhar das aragens
Que agitação d'arvore a coma,
Ai! amor será tambem?
Responde, celeste bem!
Fallar-te na voz do canto.
Nos sonhos fallar-te ainda,

Fallar-te no pensamento,
 No pranto, que nunca finda,
 Dize, amor, será talvez ?
 Dize, responde uma vez.

Eu não sei se podes ; julga,
 Só digo o que sei que sinto :
 Vejo-te, ouço-te, adivinho-te.
 Em toda parte, não minto ;
 Se amor não é, ou paixão
 Dize tu, que eu não sei, não.

GYRA SOL

POESIA DE ANTONIO JOSE'

Vês, oh ! Clori, a flor gigante
 Que procura firme amante
 Seguir sempre a luz do sol ?

Desta sorte sem desmaios
 Sol que gyrão são teus raios,
 E meu peito gyra-sol.

Mas ah ! Clori, que a luz pura
 De teus raios mais seapura
 De meu peito no crysol.

AMOR ETERNO

POESIA DO VISC. DE ARAGUAYA, MUSICA DE R. MACHADO

Vi, minha Urania
 Teu lindo rosto !
 Minh'alma absorta
 Tremeu de gôsto :
 Dentro do peito

O coração
Sentio effeito
D'essa visão.
De um poder novo
Todo o attractivo
Soprou-me n'alma
Um fogo vivo ;
Fiquei sabendo
Porque nasci
Alegre vendo
Meu bêm em ti.

O amôr eterno
Que tudo cria
Se amôr não fôsse
Não nos faria.
Nossa existencia
E' toda amôr
Qual é a essencia
Do Creador.

Não, não, a morte
Não nos separa
Além de avára,
Ha luz mais clara,
A ella accesso
E' o morrer,
E' nm processo
Do renascer.

Os que no mundo
São mais amantes
Serão unidos,

Mas radiantes :
Amôr mais forte
Lá irão ter,
Sem já da morte
Nada temer.

Tal é, oh ! bella,
Nosso destino !
O céo me inspira
Quanto imagino
De amôr no estudo
Consiste o bem ;
O mal é tudo
Que amôr não tem.

O bem só amo,
O bem desejo
O bem agora
Em ti só vejo.
Quero a teu lado
O bem gozar
E ser amado,
E sempre amar.
Se tu desejas
Ser venturosa,
Ama a quem te ama,
E est'alma esposa :
E terno unamos
Teu ser e o meu,
Dôs dous façamos
Como um só Eu.

AMOR DO CÉO

POESIA DE NUNO ALVARO, MUSICA DE A. J. MONTEIRO

Vivia triste, como as aves vivem
Que adejão longe n'ampidão dos mares.
Vivia triste, como vive o nauta
Saudando a patria de longinquos lares.

Mas, de repente, meu viver sombrio,
Luz vespertina n'um luzir doirou ;
Eu vi teus olhos derramando chammas
E por encanto, meu soffrer cessou

Mas ah ! que os olhos que revelão tanto
Que á luz da aurora mais brilhante são,
Não perceberão no tremor dos labios
Dizer-lhe triste, não me deixem não.

Amei-os muito ! meu amôr foi lyrio,
Que dôce brisa nem se quer soprou ;
Foi dôce nota de uma frauta agréste
Que um écho triste para o céu levou.

Amei-os muito ! meu amôr perdeu-se
Além do espaço que limita o céu,
Acaso soube a andorinha o rumo
Abrindo as azas quando o ar pendeu ?

Acaso soube no passar das nuvens,
Se os sentem só no peito amôr ?
Acaso soube se o perfume santo
A Deos se eleva no escalar da flôr ?

Ah ! não duvides que esse amôr tão puro
Como o incenso que se eleva á Deos,
Ahi se eleva nos doirados sonhos
Que sinto as vezes nos delirios meos !

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

INDICE

N'este indice vão apenas mencionadas as poesias, cujos auctores são conhecidos. As poesias estão colleccionadas pela ordem alphabetica, isto é, segundo a letra do primeiro verso de cada composição e por isso será facil achal-as buscando-se como se fosse n'um dictionario. Por essa razão só damos o indice dos auctores, devendo se recorrer áquelle expediente para as poesias anonymas.

São brasileiros os auctores cujos nomes são precedidos de um * e portuguezes os que levam esse signal em seguida. Os auctores cuja naturalisção nos é desconhecida levam este signal (?).

A. Lima (?)

As estrellas	111
Se tu me houveras amado.	226
Canto de amor	227
Almeida Garrett (Visconde de) *	
Pescador da barca bella	159
Alvares de Azevedo	
Quando em meu peito	179
Alves (?)	
Derme, dorme, ó morena	69
* Antonio José da Silva	
Ciumes	21
Avesinha solitaria	39
A Clori	42
A esperança	86
Alegria	147
Desengano	194

Os encantos de amor	206
A morte enfurecida	206
O ciúme	215
Sereia encantadora	224
Gyrasol	263
* Araujo (Dr. A. J. de)	
A borboleta	225
O adeus	261
Araujo Guimarães (M. F. de)	
A ausencia de Armia	148
* Augusto Zaluar	
O coração infeliz.	199
* Barão de S. Gonçalo	
Alta noite (accrescimo)	23
* Bittencourt Sampaio	
A despedida	40
Cordeiro (Dr. C. A.)	
Gelia	194
C. Branco (?)	
Despedida triste	220
* Caldas Barbosa (Domingos)	
Retrato de Amira.	207
Damião Barbosa (?)	
Tristes saudades.	56
Dias de Oliveira (?)	
Quando choras	177
E. Ribas (?)	
Saudade	258
Estevam de Magalhães *	
Herva mimosa do campo	103
Eustaquio F. da Costa (?)	
Travessa e volúvel	73
* Fagundes Varella	
A flôr do maracujá .	156

	F. M. M. (?)	
Ai meu bem se eu não te amo.	* Frederico Colin	15
Laura.	Dr. Gabriel Navarro	37
O adeus	* Dr. Gomes de Souza	44
Flôr gentil	Gonçalves Dias	99
A concha e a virgem		112
Minha terra tem palmeiras.	* Gonçalves Ledo	127
O botão de rosa.	G. P. (?)	42
Astro do céu	* Innocencio Rego	35
Ai de mim !	J. Bandeira (?)	101
A uma mocinha.	J. J. Bernardo (?)	102
Dá-me um sorriso	* J. M. Mourão	68
Teu suspirar.	J. P. A. Peçanha	28
Um só beijo.	* João Cardoso (Cons.—de Menezes e Souza)	104
O beijo vedado	Jorgen Cussen	248
A uma filha do sul		175
Se me lembro	* José Eloy Ottony	218
A voz intercadente	José Pereira	50
A primavera e o amor		105

— IV —
José Victorino

Grandezas da terra	63
* Lucas José de Alvarenga	
A minha alma	26
Crime e defeza	54
Queixa	57
Os seus olhos	84
O arrependimento	105
Esperança	111
A rosa	140
Consulta	163
A luz de teus olhos.	167
Amor.	171
Afflicção.	185
Sim, senhor	195
A Elmira.	197
Contentamento	211
O passado	231
Alvarenga	
A uma rosa	242
Luiz Delfino	
A vontade de Deus	164
* Laurindo Rebello (Dr.)	
Acabou-se a minha crença.	1
A despedida	8
E' aqui... bem vejo a campa.	70
Era um anjo (continuação).	82
Foi em manhã de Estio.	97
Quando teus olhos (continuação)	173
Riso e morte.	182
Desalento.	183
Que mais desejas	189
Dá-me um beijo.	215
Tem dó do meu penar (continuação)	234

— v —
M. M. (?)

A amante do poeta	25
Marques Rodrigues (?)	
Meus amores.	75
Mesquita (?)	
Confissão e desengano	241
* Natividade Saldanha (Dr. J. da)	
O gallo de campina	43
* Norberto de Souza Silva (J.)	
Eis o signal	17
Alta noite	22
O desejo	29
O echo	70
Nictheroy, partida	71
Nictheroy, volta	72
Eu te amo	92
Mar que outr'ora	116
Adeus a Nictheroy	138
O receio	141
Eu tenho mais gloria	143
A flôr saudade	204
Tudo te hei dado	230
O que é amor	245
O' não me deixe	245
Deixa os temores	247
A noiva do sepulhro	250
Sim	255
* Nunes Garcia (Dr. J. M.)	
Beijo a mão que me condemna	40
* Nuncio Alvaro	
Amor do céo.	266
* Pereira e Souza	
Retêm nos labios ingratos.	201
* Paula Brito (F. de)	
Deixa Dhalia .	60

	* Salvador Fabregas	
A saudade me flagella		34
	Silva Rio (J. J. de S.)	
Saudades de Alcino		61
O cravo adeus		214
Um terno		238
	Soares de Passos *	
Que noite de encanto		190
	* Souza Silva (Francisco Alberto)	
Escuta-me !		161
	S. J. de Marengo (?)	
O teu juramento.		110
	* Vieira da Silva	
Longe de ti		114
A virgem da fonte		133
	Villas-Boas (Eduardo)	
A estrella de minha vida		13
Era um anjo.		80
Morena, teus olhos		128
	* Visconde de Araguaya	
A hora que te não vejo		16
Eu amo as flôres		89
A illusão		96
Cantemos um sim		146
Olhos chorosos .		162
Ninguem		181
O sonho.		188
Queixas .		217
A ausencia		221
O que é amor		242
Amor eterno .		264
	Visconde da Pedra-branca	
Mas não lhes diga de quem.		32
Couselho paternal		159
A flôr saudade		256





